Correio dos Açores

www.correiodosacores.pt

Domingo, 20 de Abril de 2024 ● Director: Américo Natalino Viveiros - Director-Adjunto: Santos Narciso ● Diário fundado em 1920 por José Bruno Carreiro e Francisco Luís Tavares ● Ano 104 n.º 33312 ● Preço: 1 Euro

Editorial

A vida para além das comemorações

1- Amanhã, dia 22 de Abril, a três dias do dia da liberdade e da democracia, o Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada junta João Bosco Mota Amaral e Alberto João Jardim, na casa de Natália Correia que foi, na ditadura, uma combatente pela liberdade usando o dom da escrita e a sua verve literária para defender a liberdade, sendo mesmo uma mulher livre e audaciosa que gostava da vida tanto como gostava da escrita, com ela partilhamos momentos altos da transição do regime totalitário para a democracia, quando ela juntava no Botequim da Graça políticos e militares naquilo que se pode chamar transição de regime.

2- Há dias, o Presidente Ramalho Eanes, que conta 89 anos de idade, reviu o passado nestes cinquenta anos de democracia, respondendo ao que perguntava a conceituada jornalista Fátima Campos Ferreira da RTP. A certa altura, foi-lhe perguntado como estavam presentemente as forças armadas e se era possível uma nova revolução militar, ao que Ramalho Eanes responde que não, porque os militares são também democratas, mas quase tudo está mal nas Forças Armadas. Terminou, depois, dizendo que, numa altura em que se comemoram os 50 anos do 25 de Abril, não ajuda à democracia esquecer o 25 de Novembro, devido a ***"fixações ideológicas não ultrapassadas"***.

3- Para quem passou pela agitação que começou em Setembro de 1974, que levou depois às perseguições e detenções que antecederam as nacionalizações em 11 de Março, pondo em causa a realização das eleições para a Assembleia Constituinte em 25 de Abril de 1975, que acabaram por ser realizadas e foram muito participadas, sabe que a democracia consolidou-se em Portugal devido ao 25 de Novembro, quando esteve à porta transformar Portugal numa República "Cubana" mandada por Moscovo.

4- Nesse interregno entre 25 de Abril de 1975 e o 25 de Novembro, os Açores prepararam-se para o melhor e para o pior, e felizmente que em Março de 1976, com a aprovação da Constituição que consagrou a Autonomia dos Açores e da Madeira, deu-se início ao regime democrático que, ao comemorar cinquenta anos, acusa um desgaste que coloca muitas incertezas quanto ao futuro devido, em grande parte, às mudanças que se têm operado na sociedade em geral.

5- Há uma perda de qualidade nas lideranças dos regimes democráticos e isso tem como consequência o crescimento dos extremos quer à direita como à esquerda.

6- Falta acção a quem tem responsabilidades governativas, o que deixa portas abertas para que outros poderes, como é o caso da justiça, preencha o vazio que cabe preencher por quem se sujeitou ao escrutínio popular.

7- Não precisamos de ir muito longe e começando por casa, realizaram-se eleições Regionais a 4 de Fevereiro de 2024, e a tomada de posse do XIV Governo ocorreu a 4 de Março. Seguiu-se depois a aprovação do Programa de Governo, ficando o executivo a governar com base em duodécimos provindos do Orçamento anterior como está consagrado na legislação.

8- Ainda não se conhece a data para a discussão e aprovação do Orçamento para 2024, estando já passados quatro meses do ano, sem que o Governo tenha criado mecanismos para evitar o afrouxamento da economia e das pequenas e médias empresas em particular, que têm responsabilidades a cumprir com os seus clientes, com os trabalhadores, assim como com as Finanças e a Segurança Social.

9- Na República, o novo Governo está a conhecer os cantos à casa, entrou bem no debate de investidura parlamentar, mas a falta de clareza em medidas que foram prometidas tomar, como é o caso da descida do IRS, deixou-o manco.

10- São precisas reformas para melhorar a relação entre os governos e a sociedade civil, mas nem sempre as escolhas dos dirigentes têm ido ao encontro dos cidadãos, das empresas e dos empresários.

11- Espera-se que, feitos os ajustamentos que a nova orgânica governativa imponha, o Governo comece a governar e a olhar para as responsabilidades que tem quer quanto ao sector económico como ao sector social, numa Região que tem carência de mão-de-obra especializada, e que sofre de uma redução populacional que é preocupante.

12- Precisam-se de políticas ajustadas à nossa realidade tendo em conta o que nos reserva o futuro, pensado que estamos à porta dos 50 anos de Autonomia.

Américo Natalino Viveiros

À espera do 25 de Abril

págs. 3 a 5

Clínica do Bom Jesus aposta forte na criação de unidade multi-disciplinar de cirurgia da coluna

págs. 18 e 19

José Soares lança livro

O comerciante de ouro no Canadá que comprou um velho moinho junto à praia do Porto Formoso

págs. 14 e 15

Paulo Borges e o Dia da Terra

"É essencial implementar nos Açores políticas eficazes para o uso da terra e o desenvolvimento de áreas turísticas"

págs. 10 e 11

Maria Corisca

RECADOS COM AMOR...

Meus Queridos! Os municípios de São Miguel reuniram-se para determinar a aplicação da taxa turística a quem visitar e pernoitar na Ilha de São Miguel. Cá por mim, faz todo o sentido aplicar essa taxa para ajudar a conservar o que vai precisar de conservação devido ao desgaste que o turismo tem, pese embora as vantagens que tem para a economia… Já que falo de turismo, é preciso que os governantes tenham noção do impacto que o turismo tem no sistema rodoviário que está a ficar saturado e todos fingem não ver ou sentir… porque essa é a politica que convém aplicar… A minha amiga Gertrudes diz que o Governo faz estudos a esmo de matérias destinadas, depois, apenas para investigadores e afins, já que não se tem visto… qualquer estudo de jeito quanto ao impacto do turismo nas ilhas e quais as medidas de mitigação para corrigir esse impacto… e que são indispensáveis para não matar " a galinha dos ovos d'ouro"… A Associação de Municípios da Ilha de S. Miguel (AMISM) reuniu para decidir a aplicação da taxa turística este Verão em todos os municípios micaelenses, depois das câmaras municipais já terem elaborado os regulamentos para aplicação da taxa que seria a partir do mês de Julho, mas, depois, a sua aplicação passou para ser feita a partir de Janeiro do próximo ano. A taxa a aplicar deverá ser de dois euros por noite aos turistas vindos do exterior, não se aplicando a residentes ou a quem se desloque por motivo de doença.

Ricos! Fiquei muito satisfeita com a notícia provinda da 47ª Sessão Plenária do Conselho Presbiteral da Diocese de Angra, que decorreu nos em Angra do Heroísmo, a qual deu parecer favorável para a elevação a Santuário Diocesano da Ermida de Nossa Senhora da Paz em Vila Franca. É, de facto, uma boa decisão para os vilafranquenses, assim como para todos os católicos que naquele espaço têm um refugio para a meditação, assim como para a oração em tempos difíceis. Daqui envio em nome do Jornal que tão generosamente me acolhe no seu seio, assim como no nome do Director Adjunto, o meu querido amigo Santos Narciso, que tanto se empenhou para que a Ermida da Senhora da Paz fosse elevada a Santuário. Parabéns aos membros do Conselho Presbiteral e ao Senhor Bispo D. Aramando Esteves Domingues pela elevação da Ermida de Nossa Senhora da Paz a Santuário.

Meus Queridos! E já que estamos a falar de medidas que envolvem fé e esperança, que está a escassear mas que renasce quando não temos mais a quem implorar nas alturas difíceis da vida, veio-me à lembrança o processo de beatificação da Madre Teresa da Anunciada que está encalhado em qualquer sitio, apesar de inúmeras promessas que tem havido ao longo do tempo sobre a conclusão do processo a enviar ao Vaticano…. Daqui lanço um desafio ao meu querido e amigo reitor do Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres, cónego Manuel Carlos Sousa Alves assim como ao senhor Bispo D. Armando, para que seja retomado o processo de canonização daquela que continua a ser responsável pela fé que junta milhares nas festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres, a quem na hora da aflição milhares têm recorrido e que os leva depois a cumprir a promessa da graça que conseguiram obter.

Meus Queridos! A minha amiga Gertrudes telefonou-me perguntando qual era a minha opinião sobre a notícia que foi tornada pública em toda a comunicação social sobre o acórdão do Tribunal da Relação de Lisboa, que analisou o recurso do Ministério Público, assim como dos arguidos da "Operação Influencer" que, como se sabe, levou ao derrube do ex- Primeiro ministro António Costa e consequentemente depois à convocação de eleições gerais… explicando o assunto, o Ministério Publico tinha interposto o recurso por ter discordado, da decisão tomada pelo Juiz de Instrução quanto às medidas de coacção que foram aplicadas aos arguidos,…. Que por sua vez discordavam da acusação do MP e por isso recorreram também… Agora, o Tribunal da Relação de Lisboa, e bem, tornou público o acórdão, depois de estudado o enquadramento legal em que alega que "não há qualquer indício" de que o dito arguido Lacerda Machado, que era amigo de António Costa … tenha falado com o Primeiro-ministro, sobre o projecto do centro de dados em Sines, e de uma assentada transforma 'em cinzas' o processo que foi baptizado de "Operação Influencer"… Meus queridos, eu não sou mulher de me meter nessas coisas da justiça, mas pelos vistos, o que fez o Ministério Público, usando os poderes que lhe assiste, padece de falta de consistência…. a avaliar pela decisão do Tribunal da Relação de Lisboa, em que os Juízes Desembargadores consideram que aquilo que o Ministério Público refere como sendo uma alegada prevaricação de António Costa, é apenas o exercício do poder legislativo e executivo. E, para isso, citam os princípios legais dos 'barões do direito', como Diogo Freitas do Amaral, Sérvulo Correia, Marcelo Caetano e… Marcelo Rebelo de Sousa… para concluírem que *a "função legislativa corporiza as opções vencedoras e a função administrativa dá-lhes execução" e que dessa forma não há lugar ao tipo legal de prevaricação" tal como pretendia o MP.* Assim sendo, a Relação de Lisboa considera, tal como o juiz de instrução tinha considerado… que o crime de prevaricação não pode ser imputado a estes factos o que servirá também para "matar" as suspeitas do mesmo crime que o DCIAP imputa a António Costa. Ora, perante os factos, eu que não sou mulher de me meter nessas coisas da justiça...mas a minha amiga Gertrudes diz que é preciso estar de olho bem aberto para que o MP não se transforme numa "república da justiça"!

Ricos! Ainda falando do processo que levou à queda do Governo e de António Costa, o meu rico Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa, que é um exímio nadador mesmo em águas movediças, não esteve com meias medidas e quando os jornalistas de serviço lhe perguntaram porque é que o Presidente não demite a Procuradora Geral da República que se mantém "queda e muda"… O Presidente Marcelo, no seu estilo de comentador presidencial… de imediato lançou para o Governo o encargo ou iniciativa de propor, eventualmente, o fim de funções da Procuradora-geral da República, porque é o Governo que propõe a nomeação e por isso… é ele que pode propor também a demissão… Acrescentando que o mandato de Lucília Gago termina em Outubro… e o Governo, no caso, nem o anterior nem o actual,… mostraram a intenção de propor o termo das funções da Senhora Procuradora"… A minha amiga Gertrudes diz que o Presidente Marcelo usou o principio que Pilatos usou… quando fez a entrega de Jesus ao povo que depois o levou à crucifixação…

Ricos! Nesse vendaval a que assistimos na semana que terminou, além do que foi dito e redito na Comunicação Social… Marcelo Rebelo de Sousa, fechou o ramalhete falando dos mais recentes desenvolvimentos da Operação Influencer, e, na altura lá deixou um "ovo" ao reiterar que considera "estar mais provável ou mais próxima a hipótese" de o anterior Primeiro-ministro, António Costa, vir a presidir ao Conselho Europeu depois das eleições do dia 9 de Junho. Interrogado se não se arrepende de ter feito essa afirmação, respondeu: "Não, não, não. Pelo contrário, acho que disse aquilo que todos os portugueses sentiram"…. Mais uma vez o Presidente meteu-se num enredo cujo fim não se sabe qual será, e dá a impressão que Marcelo está carente das *selfies* e dos beijinhos dos primeiros anos de Presidente…. A minha prima Maria da Praia diz que o Presidente Marcelo está a ficar como uma moça bonita da Terceira chamada Álvina… que ia a todas as touradas na ilha, onde confraternizava com muita gente, mas que apesar de ser uma bonita mulher, quando chegou a hora de arranjar um noivo, não houve candidato que se atrevesse…. Mais tarde quando tudo se encaminhou para que Álvina ficasse solteira, perguntavam qual era a razão….e a resposta era… Álvina está muito vista! É o que pode acontecer a quem aparece muito a falar de tudo e de nada!

Ricos! Ainda no rescaldo do "furacão" que causou a decisão do Tribunal da Relação sobre a "Operação Influencer", a minha amiga Inácia, que vive no Porto, mandou-me o texto que Rui Rio ex-Presidente do PSD publicou na sua rede social no qual sustenta que a decisão do Tribunal da Relação quanto ao recurso do Ministério Público é uma humilhação para o país e também para a instituição que é liderada por Lucília Gago. Rio prossegue dizendo que "Um tribunal superior a humilhar um Ministério Público, que, ao funcionar assim, envergonha o país e agride a democracia e a separação de poderes". Rui Rio adianta na rede social X que o acórdão da Relação indica não existirem indícios fortes de tráfico de influências contra os arguidos… e lança ainda uma pergunta ao Presidente da República dizendo: "Continuará o Presidente da República [Marcelo Rebelo de Sousa] a não se arrepender de não ter querido fazer a reforma da Justiça e antes orientar as suas decisões pela PGR que temos?", questiona.

1 - À espera do 25 de Abril

Américo Natalino de Viveiros na primeira pessoa

Em Março de 1974 estava em Bissau, integrando a comissão liquidatária da Companhia de Caçadores 3519, uma companhia de madeirenses, que havia terminado a sua missão na Guiné e na qual eu me havia integrado em rendição individual.

Vivia-se naquela altura em Bissau um período de verdadeira euforia, motivada pela recente publicação do livro do General António Spínola "Portugal e o Futuro".

Sabia-se das divergências entre o governo do professor Marcelo Caetano e o General António Spínola quanto à política colonial que o levaram ao afastamento do cargo de governador e Comandante-Chefe das Forças Armadas na Guiné e à sua substituição pelo General Bettencourt Rodrigues.

O novo governador era considerado um homem da linha dura do regime e adepto do combate sem cedências ao PAIGC, e por isso corria à boca pequena nas esplanadas de Bissau, que serviam de local de descanso e de retempero de forças a quantos, na capital, esperavam pelo regresso a casa ou pelo regresso à mata, que a resignação do General Spínola era o advento de mudanças importantes que se anteviam para breve na vida política nacional.

A situação na Guiné era cada vez mais difícil e o endurecimento das acções militares, resultantes da política traçada pelo General Bettencourt Rodrigues, levou ao êxodo da população, ao agravamento das condições de vida, à fuga das aldeias, à destruição das sementeiras e das colheitas e à falta de condições para garantir o regular abastecimento em alimentos essenciais.

Em Bissau, começava a ser racionado o abastecimento de arroz, que era o principal alimento humano. A população dava sinais de cansaço e de desespero perante a penúria de alimentos que se sentia na cidade.

Todos estes sinais, e as informações que íamos trocando com amigos de serviço no Quartel-General, deixavam adivinhar que o regime estava próximo do fim…

Foi com esta esperança que, a 5 de Abril, chegamos a Lisboa, onde fiquei até ao dia 7, data em que fui desmobilizado. Nessa altura encontrei um amigo de curso que tinha ficado por Lisboa e me perguntou pelo meu futuro, se continuaria em Lisboa para acabar o curso ou viria para os Açores. Disse-lhe que iria acabar o curso, mas antes pensava passar uma temporada nos Açores.

Este meu amigo, além de naquela altura prestar serviço militar no Ministério da Marinha, tinha um familiar chegado que era Contra-Almirante e pessoa bem informada. Disse-me ele então: "Põe-te a mexer para os Açores porque falta pouco para isto rebentar"…

Pelo sim pelo não, fui logo à TAP no Marquês de Pombal, marcar viagem para os Açores, onde cheguei no dia 8 de Abril a Santa Maria, ilha por onde se fazia escala para chegar a São Miguel.

Por sorte, consegui que a SATA me assegurasse lugar no dia seguinte para São Miguel, mas não era fácil arranjar sítio para pernoitar na Ilha de Gonçalo Velho, porque o único hotel existente tinha um reduzido número de camas e na altura estava com a capacidade esgotada. Por isso, o lugar para passar a noite seria a própria aerogare. Entretanto, naquela Ilha, encontrava-se um amigo a quem eu queria dar um abraço, e por isso resolvi, à hora da missa na Capela do Aeroporto, aproveitar a ocasião para me encontrar com o Padre José Constância que ali celebrava missa.

A nossa amizade tinha raízes fundadas na altura em que ele apoiou um grupo de reflexão de Jovens que eu coordenei e que se juntava no Convento dos Frades da Lagoa, em jornadas de reflexão e aprofundamento da fé, que se prolongavam por três dias.

Nestes encontros participavam rapazes e raparigas, desafiando costumes e correndo riscos, estes superados pela enorme vontade e pela energia que alimentava o sonho de encontrar caminhos que conduzissem a uma nova sociedade onde cada qual pudesse crescer em função da sua capacidade, onde não houvesse necessidade de emigrar para sobreviver, onde a liberdade fosse coisa natural, e onde a terra em que nascemos não fosse madrasta mas sim mãe na qual cada um pudesse realizar-se como homem ou mulher, e também como cidadão.

Para connosco reflectir havia pessoas adultas, preocupadas como nós. Gente da sociedade civil que também sentia e partilhava as nossas inquietações e dos quais destaco o médico Dr. António Silveira da Rosa, o Eng.º Dinis Pimentel da Silva, o empresário Juvenal Pimentel da Costa, o médico Dr. Aníbal Furtado Lima e Laura Furtado Lima, e os empresários Jaime Alves, José Luís Filipe, Luís Figueiredo, Jeremias Pimentel, João Gago da Câmara, e o conceituado Professor Jorge Amaral, que disseram sempre presente, juntando-se também a grandes nomes da Igreja que se empenharam e apoiaram este movimento de reflexão, que incomodou muita gente e chegou a ser perseguido como um grupo para -político e agitador, digno de atenção permanente por parte do governo civil de então.

O Padre José Constância não me deixou pernoitar na aerogare e ofereceu-me lugar na sua casa para dormir, o que permitiu pormos a escrita em dia e reflectirmos sobre a situação política e social, coisas que estavam sempre presentes nas nossas preocupações e faziam parte da militância cristã que nos norteava.

Refiro este encontro porque no fim da década de sessenta e no início da década de setenta, houve um intenso trabalho de intervenção social, liderado pelos movimentos da Acção Católica e dos Cursos de Cristandade, que prepararam nos Açores o advento da democracia.

"Em Bissau, começava a ser racionado o abastecimento de arroz, que era o principal alimento humano. A população dava sinais de cansaço e de desespero perante a penúria de alimentos que se sentia na cidade. Todos estes sinais, e as informações que íamos trocando com amigos de serviço no Quartel-General, deixavam adivinhar que o regime estava próximo do fim…"

Paralelamente havia vários grupos laicos e agnósticos que iam desenvolvendo um trabalho político aproveitando a vinda mais ou menos prolongada a São Miguel de figuras oposicionistas ao regime, e dessa forma fazerem formação dessas pessoas que seria depois, futuros quadros políticos.

É de notar que esses movimentos, embora não se encontrassem entre si, contavam com o apoio e a participação de grandes figuras da Igreja católica nos Açores, considerada a grande escola de formação e de valorização intelectual que tínhamos.

Nomes como Cunha de Oliveira, José Enes, Francisco Carmo, Weber Machado, Agostinho Tavares, Manuel António Pimentel, Valadão dos Santos, José Franco, Manuel Medeiros, Moreira das Neves, José Piques Garcia, Benjamim Cabral, José Constância, Costa Freitas, António Leite, Edmundo Pacheco, Hermínio Pontes, José Gomes, entre outros, destacaram-se pela acção, pela palavra e pelo pensamento, neste movimento de grande importância na Igreja Açoreana e muitos desses nomes cruzaram-se com os movimentos da oposição enquanto outros apoiaram e participaram no movimento de jovens que coordenei entre outros, com Aguinaldo Almeida e Alexandre Amaral, com a bênção do padre Aristides Zacarias Pacheco Arruda, me levou inúmeras vezes a visitar Armando Cortes Rodrigues que nos oferecia sempre um pequeno almoço. Cada vez que lá ia sentia-me mais pequeno perante aquele grande mestre e vulto da literatura, que era Armando Cortes Rodrigues).

O movimento de jovens teve uma importante âncora que era o Capelão militar, padre Leonardo Moniz, que nos franqueava a Igreja de Santo André, que estava confiada à capelania militar, e onde todos os Domingos, pelas onze horas, se enchia de jovens e de adultos para a celebração Eucarística, sempre cantada e acompanhada de música executada por instrumentos de corda e por bateria.

Era uma festa empolgada pelas homilias que estavam a cargo do padre Costa Freitas e de outros que intermitentemente se disponibilizavam para participar naquela regular celebração.

Chegado a São Miguel, e depois de arrumar as malas desfrutar os momentos próprios do reencontro com a família, passados dois dias, encontrei-me com o Dr. José da Silva Fraga, com o qual mantinha desde há muito uma sã amizade.

Com frequência, encontrávamos tempo para conversar sobre política e agora que tinha regressado, era preciso aferir com ele, como iam correndo as coisas por cá. Silva Fraga além de ser um insigne advogado era um apaixonado pela política e preocupava-se com a forma como viviam e sofriam os seus compatriotas Açoreanos.

Foi sempre um inconformado com o regime ditatorial, e enfrentou -o como pode, direi de forma atrevida para o regime, através da escrita na imprensa, onde defendeu a liberdade de expressão e o direito à imigração, nos seus trabalhos intitulados " Conversando com Salazar", e publicados no jornal "Açoriano Oriental", à data semanário, e do qual chegou a ser Director, e regularmente no Jornal Correio dos Açores.

Várias vezes teve de refazer os escritos que a censura truncava, e foram muitas as reclamações e exposições que dirigiu ao governo de Lisboa insurgindo-se contra situações que considerava injustas para os Açores.

Admirava-o como mestre e como amigo mais velho, que em muitas ocasiões substituiu o conselho paternal que perdi, com a partida prematura de meu pai. O Dr. Silva Fraga era um inconformado com a situação. No início da década de setenta, conjuntamente com outras figuras proeminentes da sociedade micaelense, chegaram à conclusão que a única maneira de mudar o regime tinha de ser por dentro, e muitas dessas figuras acabaram por integrar a Acção Nacional Popular, que tinha resultado da refundação da União Nacional feita por Marcelo Caetano. Silva Fraga fez questão de nunca se filiar na Acção Nacional, apesar de integrar o Movimento. Depois do 25 de Abril, não descansou enquanto não obteve do Quartel-General em Ponta Delgada uma declaração de como o seu nome não constava nos ficheiros de militantes da ANP, que se encontravam à guarda da Junta de Salvação Nacional, constituída na sequência da Revolução de Abril.

(continua na pág. 4)

À espera do 25 de Abril

(continuação da pág.3)

Naquela altura, não havia aviões diários, não existia televisão, telex, fax ou internet, e o mar ampliava ainda mais a distância entre as Ilhas que eram "Adjacentes" do continente, e só lembradas pela Metrópole quando delas precisava. Apenas a rádio oficial que o regime controlava, nos mantinha ligados ao mundo pelas notícias que difundia e pela música que emitia. Mesmo assim, a sensação que pairava era que o regime tinha os dias contados e só restava esperar pelo dia e pela hora.

Apesar do isolamento, ou talvez por causa disso, a oposição contava com muitos adeptos e entusiastas fazendo jus à militância liberal doutros tempos, em que os Açores estiveram sempre na linha da frente, apoiando D. António Prior do Crato, e estabelecendo o Governo Interino em São Miguel.

Desde os bancos da escola que gostava de falar da política e sobre ela opinar, levado certamente, pelas conversas frequentes, e às vezes apaixonadas, que meu pai mantinha em casa, em oposição ao regime, para apoquentação de minha mãe que pedia moderação, por causa da polícia, que por duas vezes nos bateu à porta e levou meu pai para o interrogar.

Ele estava sinalizado desde as eleições em que participou o General Humberto Delgado, e nas quais esteve envolvido como apoiante da candidatura e participante numa das mesas de voto em Rabo de Peixe.

As Semanas de Estudo realizadas nos Açores foram um espaço de debate importante, e importantes foram também os Círculos de Amigos da Ribeira Grande com Ezequiel Moreira da Silva e Padre Edmundo Pacheco, e da Lagoa com Jorge Amaral Borges, que abriram portas para se falar da sociedade e das questões que a atormentavam.

Nas eleições de 1969 para a Assembleia Nacional, a oposição democrática concorreu nos Açores, e os resultados obtidos, foram de forma a tocar as campainhas de alarme.

A Acção Nacional Popular estava dividida entre os que se arrastavam com o poder e os que queriam mudar o poder por dentro.

Para tanto, a ANP investiu no recrutamento de jovens para as suas fileiras, lançando mão do Eng.º Fernando Monteiro, que se tinha revelado um dinâmico Presidente da Câmara da Ribeira Grande, e que devido ao seu feitio sociável e aos conhecimentos pessoais que possuía, conseguiu juntar um importante núcleo de gente nova para a ANP, convencidos que estavam, de que dessa forma poderiam contribuir para a mudança de regime que era desejável e reclamado pela sociedade.

A oposição ao regime era comandada em São Miguel pelo Dr. Borges Coutinho (Marquês da Praia) e pelo Major Melo Antunes que, pelos inúmeros conhecimentos estabelecidos, e pelos laços familiares que tinham nas Ilhas, lhes permitiu criar uma verdadeira "escola da consciência democrática", que era apreendida por quantos frequentavam os encontros que promoviam.

"Desde cedo se percebeu que o regime colonial estava agonizante e Marcelo Caetano fez propostas para abrir caminho ao auto governo das colónias."

Neste xadrez, aparece uma esperança na política Açoreana, que sempre se distinguiu dos companheiros da sua idade, pela inteligência, pelo saber e pelo modo de estar na vida.

Era uma jovem esperança que havia sido levada para a política pela mão do seu mestre de Direito, que entretanto havia sido nomeado chefe do governo, substituindo Oliveira Salazar. Marcelo Caetano juntou outras pessoas para serem agentes da mudança que o regime precisava como quem precisava de oxigénio para sobreviver.

Desde cedo se percebeu que o regime colonial estava agonizante e Marcelo Caetano fez propostas para abrir caminho ao auto governo das colónias. Foi olhado com desdém pelos dinossauros da política, mas nunca desistiu. Sabia que o regime era padrasto para as Ilhas, mas os poderosos das ilhas não o apoiavam, preferindo antes prestar vassalagem a Lisboa e receber as propendas que os tornavam donos e senhores dos destinos das Ilhas. A jovem esperança dos Açores era o Dr. João Bosco Mota Amaral. O jovem deputado pertencia à ala liberal na Assembleia Nacional, liderada por Pinto Leite, que morreu num acidente aéreo quando, como Deputado, visitava a Guiné.

Depois deste misterioso acidente, coube a Sá Carneiro assumir a liderança desta linha reformista, na qual se depositava grande esperança. Além de Mota Amaral, integravam a ala liberal, Francisco Pinto Balsemão e Miller Guerra.

João Bosco Mota Amaral representava naquela altura o seguro para uma transição pacífica, e por isso muitos Açoreanos acreditavam nele. É voz corrente que Marcelo Caetano impôs a sua candidatura a deputado pelo Distrito de Ponta Delgada, para estancar o crescimento da oposição, que corria o risco de vencer, no Distrito, as eleições legislativas.

"A grande mobilização popular em São Miguel aconteceu no dia um de Maio, dia do trabalhador que foi, a partir daquela data considerado feriado nacional. O dia estava de verão e permitiu que milhares de populares desfilassem pelas ruas de Ponta Delgada ostentando cravos vermelhos, em apoio ao 25 de Abril e reclamando melhores condições de vida para os trabalhadores"

João Bosco destacou-se como um importante elemento da denominada Ala Liberal na Assembleia Nacional.

Foi um dos subscritores do Projecto de Revisão da Constituição de 1933, no qual se previa um novo modelo de governação para as colónias e a consagração da liberdade de imprensa tão reclamada pelos meios progressistas da sociedade.

2 - O 25 de Abril

A notícia do 25 de Abril chega aos Açores quando o dia já ia alto. A falta de comunicações deixava as notícias por conta daquilo que o rádio Clube de Angra, o Clube Asas do Atlântico, ou o Emissor Regional dos Açores podiam difundir. As primeiras notícias foram confusas e foi preciso esperar pelo render de Marcelo Caetano no Largo do Carmo, para aqui se festejar o dia da liberdade. Coisa curiosa foi o facto de muitos dos deputados da Assembleia Nacional ainda terem ido para São Bento no dia 25 de Abril, porque desconheciam a dimensão da revolução.

Um desses deputados foi o Eng. Fernando Monteiro, que havia sido um dinâmico presidente da Câmara da Ribeira Grande, eleito pelo círculo do Distrito de Ponta Delgada. Ele esperava há tempos sem fim por vez para fazer uma intervenção na Assembleia Nacional sobre a vinha e o vinho.

Ao fim de muito esperar, a mesa marcou-lhe a intervenção para o dia 25 de Abril, e ele, de tão concentrado que estava no discurso, sem cuidar de saber o que se passava marchou para São Bento, pronto para subir à tribuna para discursar.

Fernando Monteiro ainda esboçou uma tentativa para falar, mas depois explicaram-lhe que não era possível porque a revolução tinha vencido e a Assembleia ia ser dissolvida.

Fernando Monteiro não queria acreditar que tivesse esperando tanto tempo para dizer de sua justiça sobre a vinha e o vinho, e no dia que iria usar da palavra, foi exactamente no dia em que a revolução levou à dissolução da Assembleia Nacional.

No dia 25 de Abril encontravam-se em São Miguel, a prestar serviço militar, o Major Melo Antunes e o Capitão Vasco Lourenço, que foram dois destacados militares do Movimento das Forças Armadas que levou a cabo a revolução.

As manifestações populares de comemoração do 25 de Abril não foram significativas, tirando a que se juntou nas portas da cidade junto aos serviços da PIDE, para fecharem aquilo que era o símbolo da repressão do regime deposto.

A própria imprensa do dia 26 de Abril dá conta da normalidade em que se viveu o dia anterior, facto que foi confirmado pelo Governador Civil do distrito, António Fonseca, em telegrama enviado ao General António de Spínola, Presidente da Junta de Salvação Nacional.

A grande mobilização popular em São Miguel aconteceu no dia um de Maio, dia do trabalhador que foi, a partir daquela data considerado feriado nacional. O dia estava de verão e permitiu que milhares de populares desfilassem pelas ruas de Ponta Delgada ostentando cravos vermelhos, em apoio ao 25 de Abril e reclamando melhores condições de vida para os trabalhadores.

Nesta manifestação era notória a presença de dirigentes do MDP/CDE, como António Manuel da Silva Melo, Manuel

“Logo a seguir ao 25 de Abril de 1974 nasceram alguns movimentos ligados à Igreja católica que procuraram em São Miguel, na Terceira e no Faial, reflectir sobre o modo como deviam preparar a sua participação cívica no momento em que a Liberdade permitia lançar os alicerces da Democracia.”

Barbosa, Júlio Quintino, e muitos dirigentes sindicais que nas Ilhas, eram responsáveis por estruturas com forte implantação Distrital.

Os dias que se seguiram caracterizaram-se pelo desmantelamento dos símbolos do regime deposto, como a polícia política, a Mocidade Portuguesa, as comissões de análise prévia à imprensa, a destituição dos governadores civis e a nomeação do I Governo Provisório presidido pelo professor Adelino Palma Carlos, tendo como Ministros sem pasta Pereira de Moura, Álvaro Cunhal e Francisco de Sá Carneiro enquanto Mário Soares assumiu a pasta de Ministro dos Negócios Estrangeiros.

3 - Nos dias seguintes ao 25 de Abril

Logo a seguir ao 25 de Abril de 1974 nasceram alguns movimentos ligados à Igreja católica que procuraram em São Miguel, na Terceira e no Faial, reflectir sobre o modo como deviam preparar a sua participação cívica no momento em que a Liberdade permitia lançar os alicerces da Democracia.

Estes movimentos sabiam que a única força organizada e com implantação também nas Ilhas era o Partido Comunista e o MDP/CDE, em cujos princípios programáticos não se reviam.

O MDP via nestas reuniões uma ameaça à sua organização e desde logo começou a utilizar a política do boato em que se mostrou artífice. Pôs então a circular que nessas reuniões estavam presentes destacados elementos da burguesia — profissões liberais, comerciantes e clero, o que na opinião daquele movimento se traduzia em ajuntamentos reaccionários, e que eram, por conseguinte, um perigo para o futuro da implantação da democracia.

Antes do 25 de Abril, e com a Primavera marcelista, ganhara força e expressão os movimentos da Acção Católica com os movimentos juvenis que agrupavam a JAC (Juventude Agrária Católica), a JOC (Juventude Operária Católica), a JEC (Juventude Estudantil Católica) e a JUC (Juventude Universitária Católica). Para os adultos o movimento denominava-se Liga e correspondia ao prolongamento das organizações juvenis, ao que se juntavam os “Cursos de Cristandade. que haviam sido criados por Eduardo Bonnin Aguiló que era um jovem soldado espanhol que na ocasião cumpria o serviço militar, como tantos outros, jovens na década de 40. Na década de sessenta o Movimento dos cursos de cristandade, expandiu-se e a ele aderiram muitos dos políticos que depois vieram a assumir responsabilidades variadas na sociedade quer em Portugal quer nos Açores.

É por isso natural que os elementos da burguesia a que se referia o MDP oriundos das profissões liberais, dos comerciantes e do clero, agregassem um considerável número de pessoas que militaram nesses movimentos que antes se preocupavam com a sociedade, e entendiam que a partir do 25 de Abril, o seu contributo devia ser dado através dos partidos políticos, à semelhança do que acontecia nas democracias ocidentais.

O Objectivo era:

Mudar a sociedade açoriana;

Acabar com a discriminação e o abandono do poder central relativamente aos Açores;

Reformar a Autonomia Administrativa dividida por três Distritos entre si; Desenvolver cultural, social e economicamente os Açores;

Criar um projecto de unidade Aço-reana;

Defender a Autonomia Política e Administrativa dos Açores, com órgãos próprios de auto governo.

O MDP entretanto pôs a circular um boato, dizendo que a burguesia micaelense estava a promover reuniões que contavam com a participação do Major Melo Antunes e do então Capitão Vasco Lourenço, enquanto outras correntes entendiam que aqueles dois militares apoiavam e incentivavam a acção do MDP/CDE, isto talvez por causa de um comunicado feito por aqueles militares logo a seguir ao dia da revolução no qual chamavam a atenção para os “vira casacas”, posição que também era publicamente sustentada pelo MDP.

Estávamos perante as contradições próprias de um processo revolucionário, iniciado com o 25 de Abril de 1974, e que se prolongou até ao 25 de Novembro de 1975, altura em que um novo movimento militar conduzido por uma facção moderada das Forças Armadas, pôs fim ao “processo revolucionário em curso” liderado por militares radicais que pretendiam a instauração em Portugal de um Estado totalitário inspirado em Cuba e na Rússia. A partir daí seguiu-se o processo de estabilização assente num regime de democracia representativa.

Não se pode festejar o 25 de Abril sem festejar o 25 de Novembro que abriu caminho ao regime democrático que hoje temos e que completa meio século de existência.

Américo Natalino Viveiros

“Não se pode festejar o 25 de Abril sem festejar o 25 de Novembro que abriu caminho ao regime democrático que hoje temos e que completa meio século de existência.”

Professor Luís Andrade e o 25 de Abril

"Uma sociedade onde existam grandes desigualdades é mais susceptível a ocorrerem vários tipos de problemas internos"

Correio dos Açores - Que idade tinha quando se deu a revolução de 25 de Abril de 1974?

Professor Luís Andrade - Eu tinha 18 anos quando ocorreu o 25 de Abril de 1974.

Onde se encontrava e como soube do início da revolução

Eu estava em Ponta Delgada quando tive conhecimento da revolução através da rádio. Na altura, um dos pontos de encontro era no então Café Liz, e foi aí que eu e vários colegas meus pudemos compartilhar o pouco que sabíamos e as possíveis consequências para o nosso arquipélago e para o país.

Como seguiu os momentos mais decisivos do 25 de Abril e os tempos que se lhe seguiram?

No início, foi tudo muito confuso na medida em que havia notícias contraditórias e muitas delas sem fundamento. No entanto, o que nos parecia mais importante era, de facto, a alteração de regime que se estava a operar em Portugal. Após várias décadas da existência de um regime claramente autoritário, houve a possibilidade de se poder viver numa democracia com todas as vicissitudes que a caracterizaram, sobretudo nos meses e anos que se lhe seguiram. As minhas primeiras impressões foram caracterizadas por uma grande imprevisibilidade e preocupação face aos acontecimentos que estavam a ter lugar no país com implicações tanto a nível interno como externo. Lembro-me, já nos EUA, em Julho de 1975, ouvir Henry Kissinger dizer que, e estou a citá-lo " Portugal está perdido para o comunismo".

Por outro lado, a descolonização que teve lugar após o 25 de Abril foi, em meu entender, inevitável, por um lado, e imprevisível, por outro. Lembro-me deste assunto ser abordado, várias vezes, nas aulas de Relações Internacionais, na minha Universidade, com grande curiosidade na medida em que muitos norte-americanos não entendiam como foi possível a um pequeno e pobre país manter uma guerra colonial em três frentes.

Quais os benefícios da revolução para Portugal e para os Açores?

Os benefícios para o país e para os Açores foram evidentes. Desde logo, a liberdade alcançada, decorrente da implementação de uma democracia, era algo que os Portugueses almejavam há muito tempo. Por outro lado, a possibilidade de os cidadãos deste país poderem participar em eleições livres era e é extremamente importante. Independentemente dos muitos problemas que existiram e continuam a existir, a democracia continua a ser a melhor das piores formas de governo.

No que aos Açores diz respeito, não podemos deixar de referir a possibilidade, decorrente da Constituição de 1976, da existência de uma Autonomia que possibilitou a criação de uma Assembleia Legislativa e de um Governo. Por outro lado, a criação da Universidade dos Açores, constituiu um marco fundamental no que diz respeito ao desenvolvimento do nosso arquipélago. É, de igual modo, relevante referir que a referida Constituição permitiu aos Açores ter uma palavra a dizer relativamente aos acordos internacionais em que estão envolvidos.

Professor Luís Andrade

Foi, de igual modo, a democratização do nosso país que lhe permitiu a adesão à então Comunidade Europeia, em 1986. Portugal não tinha, em meu entender, outra alternativa a não ser a sua participação nos assuntos europeus. O "orgulhosamente sós" não podia continuar.

Qual a renovação que é preciso fazer para garantir o primado da democracia em Portugal e nos Açores?

Esta questão é fundamental, sobretudo nos dias de hoje. A sua resolução não é fácil nem compete exclusivamente ao Governo. Deve ser um esforço de toda a sociedade para se evitar, o mais possível, os populismos que têm vindo a aumentar não apenas na Europa. A título de exemplo, veja-se o caso paradigmático da Hungria, um país membro da União Europeia e da OTAN. Por outro lado, o aumento significativo de partidos e de movimentos conotados com a extrema direita é, no mínimo preocupante.

Consequentemente, é fundamental que, por exemplo, nas escolas, se faça um esforço para explicar aos alunos a relevância dos princípios democráticos, como a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade.

Qual a pergunta que gostaria que lhe fizesse a propósito do 25 de Abril de 1974 e qual a sua resposta?

Será a nossa sociedade mais justa? Penso que o conceito de justiça, neste contexto, se reveste de grande importância na medida em que uma sociedade onde existam grandes clivagens e desigualdades é mais susceptível a ocorrerem vários tipos de problemas internos. O 25 de Abril de 1974 constituiu um marco fundamental no que diz respeito, por um lado, à democratização da sociedade e, por outro, ao aumento das possibilidades que se abriram à população em geral.

João Paz

Açores Amanhã

O desassossego mundial aumenta

Por: Álvaro Dâmaso

"Só os mortos viram o fim da guerra". É uma frase atribuída a Platão, que quer dizer haverá sempre guerra enquanto o ser humano existir, é uma condição humana.

Israel terá atacado o Irão com 3 drones numa zona muito próxima de instalações nucleares iranianas, em ISFAHAN no sul do País. Tudo deve ter sido rigorosamente planeado e cautelosamente conversado com terceiros aliados: *não vamos escalar a guerra nem a tensão, mas temos de dar um sinal seguro…* Ou algo do género.

Foi, para já e tão-somente um apontamento sobre a capacidade militar de Israel, orientado pelos seus serviços secretos. Israel tinha de reagir para que o seu povo não perdesse a confiança na segurança e não se atemorizasse. Devia dizer para dentro de casa que o seu governo não era mole nem se acobardava e para o exterior que chegaria onde quisesse com armas potentes.

Felizmente, a operação não causou estragos. Israel não se pronuncia sobre o evento e não nega que tenha sido o autor. O Irão diz que que se tratou apenas de uma *infiltração* e que não foi atacado com mísseis, mas com minidrones.

Até parece que foi combinado um esforço comum de desvalorização das operações militares. Quer dizer que Israel retaliou a chuva de drones telecomandados pelo Irão e que foram destruídos antes da destruição que visavam. O Irão fez o mesmo em relação a um aguaceiro de drones enviados de Israel.

Porém, Israel não se ficou pelo Irão, também atingiu alvos na Síria compostos por infraestruturas e no Iraque.

Os Estados Unidos, aliado tradicional de Israel, garantem que não autorizaram o ataque e acrescentam que o Irão foi atacado por um míssil, o que, curiosamente, é negado pelo próprio Irão. Fica-se com a ideia que a operação militar de retaliação foi propositadamente "fraca", qualificativo usado por Israel.

Até que ponto é que o Mundo se aproxima de uma guerra de larga escala?

Uma coisa é certa, não será o "incidente" belicoso atrás descrito que contribuirá para apressar o que quer que seja.

Para já uma escalada de guerra desmensurada não parece iminente, a julgar pela natureza dos ataques e das retaliações imaginárias como pelas reações que seguiram tanto do autor como do Estado atacado.

Por outro lado, os países amigos do Irão não apoiam uma guerra contra os Estados Unidos que surgiria se Israel fosse realmente atacado.

A operação considerada "fraca" parece ter sido engendrada para "israelita ver" e o autocrata presidente israelita "lavar a face" sem "escalar a guerra". Já está a ser classificada como uma vitória de Israel. Apesar de tudo, ninguém parece querer a guerra.

Não nos é dado prever o futuro, ainda que próximo. Sem dotes de adivinho não poderá ser antecipada a dimensão do desenvolvimento da Guerra. As perspetivas são, contudo, muito sombrias, devemos reconhecer. O Egito e o Japão, com proximidade geográfica dos Estados que simulam agredir-se não disfarçam a sua profunda preocupação.

Não obstante, o que no Mundo ganha expressão é o fenómeno do nacionalismo e do proselitismo.

O Mundo em vez de se unir divide-se em pequenas partes. Recusa-se a convergir. Todos querem ser grandes, respeitados e muito ricos.

Onde encontramos um indivíduo, depararemos com uma hipótese de discussão. Onde encontramos muitos indivíduos descobriremos uma possibilidade de rebelião. Onde encontramos uma sociedade acharemos um prenúncio de batalha. Onde reconhecemos um Estado desvendaremos uma indomável vontade de alargamento de fronteiras.

Pub.

OFERTA PÚBLICA

Prédio Urbano – freguesia dos Mosteiros, concelho de Ponta Delgada

LOTAÇOR – Serviço de Lotas dos Açores, S.A.

Aceitam-se propostas de compra, nas condições abaixo indicadas, para o seguinte imóvel urbano:

Prédio Urbano, sito no Ramal do Porto, s/n, freguesia dos Mosteiros, concelho de Ponta Delgada, com a área total e coberta de 271m2, inscrito na matriz predial urbana com o artigo 822.

1. As propostas devem ser enviadas através de carta registada com aviso de receção e dar entrada na sede da Lotaçor – Serviço de Lotas dos Açores, S.A., sita à Rua Eng.º Abel Ferín Coutinho, n.º 15, 9500-191 Ponta Delgada, **até ao dia 26 de abril de 2024**.
2. As propostas a apresentar devem indicar um valor de compra igual ou superior a **200.000,00€** (duzentos mil euros) e terão de ser acompanhadas de um cheque de montante correspondente a 5% do valor da proposta, emitido à ordem da LOTAÇOR – Serviço de Lotas dos Açores, S.A..
3. As propostas serão abertas, de forma pública, às 10h00 do 29 de abril de 2024, na sede da LOTAÇOR.
4. Apenas serão admitidas as propostas de valor igual ou superior ao valor mínimo admissível e acompanhadas do respetivo cheque de 5% do valor da mesma, bem como de comprovativos de situação regularizada, do proponente, perante a Segurança Social e a Autoridade Tributária.
5. O imóvel será adjudicado à proposta com o preço mais alto, sendo outorgado de imediato o contrato-promessa de compra e venda, com o sinal de 5% do preço, pago de imediato pelo adjudicatário.
6. Em caso de empate, abrir-se-á licitação entre os concorrentes, adjudicando-se à proposta mais elevada.
7. O contrato de compra e venda definitivo deverá ser outorgado no prazo máximo de 20 dias, a contar da outorga do contrato-promessa.
8. Qualquer dúvida ou esclarecimento deverá ser dirigido ao Conselho de Administração da LOTAÇOR, por correio eletrónico, para o endereço info@lotacor.pt

Ponta Delgada, 8 de abril de 2024.

Conselho de Administração da LOTAÇOR,

Sofia da Loura Inácio Aida Maria de Melo Amaral

Pub.

OFERTA PÚBLICA

Prédio Urbano – freguesia da Luz, concelho de Santa Cruz da Graciosa

LOTAÇOR – Serviço de Lotas dos Açores, S.A.

Aceitam-se propostas de compra, nas condições abaixo indicadas, para o seguinte imóvel urbano:

Prédio Urbano, sito em Folga, n.º 7, freguesia da Luz, concelho de Santa Cruz da Graciosa, com a área total do terreno de 968m2 e área de implantação do edifício de 383,6m2, inscrito na matriz predial urbana com o artigo 865.

1. As propostas devem ser enviadas através de carta registada com aviso de receção e dar entrada na sede da Lotaçor – Serviço de Lotas dos Açores, S.A., sita à Rua Eng.º Abel Ferín Coutinho, n.º 15, 9500-191 Ponta Delgada, **até ao dia 26 de abril de 2024**.
2. As propostas devem indicar um valor de compra igual ou superior a **240.000,00€** (duzentos e quarenta mil euros) e ser acompanhadas de um cheque bancário de montante correspondente a 5% do valor das propostas, emitido à ordem da LOTAÇOR – Serviço de Lotas dos Açores, S.A..
3. As propostas serão abertas, de forma pública, às 10h00 do dia 29 de abril de 2024, na sede da LOTAÇOR.
4. Apenas serão admitidas as propostas de valor igual ou superior ao valor mínimo admissível e acompanhadas do respetivo cheque de 5% do valor da mesma, bem como de comprovativos de situação regularizada, do proponente, perante a Segurança Social e a Autoridade Tributária;
5. O imóvel será adjudicado à proposta com o preço mais alto, sendo outorgado de imediato o contrato-promessa de compra e venda, com o sinal de 5% do preço, pago de imediato pelo adjudicatário.
6. Em caso de empate, abrir-se-á licitação entre os concorrentes, adjudicando-se à proposta mais elevada.
7. O contrato de compra e venda definitivo deverá ser outorgado, no prazo máximo de 20 dias, a contar da outorga do contrato-promessa.
8. Qualquer dúvida ou esclarecimento deverá ser dirigido ao Conselho de Administração da LOTAÇOR, por correio eletrónico, para o endereço info@lotacor.pt

Ponta Delgada, 8 de abril de 2024.

Conselho de Administração da LOTAÇOR,

Sofia da Loura Inácio Aida Maria de Melo Amaral

Pub.

Pub.

Pub.

Pub.

Pub.

Assinala-se amanhã o Dia Mundial da Terra

"É essencial implementar nos Açores políticas eficazes para o uso da terra e o desenvolvimento de áreas turísticas", afirma o professor Paulo Borges

"A diversidade de artrópodes é fundamental para promover a resiliência dos ecossistemas insulares, garantindo o seu funcionamento eficaz e a sua capacidade de se adaptar e recuperar de perturbações naturais e humanas. A conservação e protecção dessas espécies são, portanto, essenciais para a manutenção da saúde e da estabilidade dos ecossistemas insulares." Quem o diz é Paulo Borges, professor na Faculdade de Ciências Agrárias e do Ambiente da Universidade dos Açores, que durante os últimos 20 anos promoveu o desenvolvimento de dois grandes projectos de monitorização da biodiversidade de artrópodes nas florestas nativas dos Açores, usando-os como indicadores de qualidade ambiental.

Correio dos Açores – Que relevância atribui ao Dia Mundial da Terra?

Paulo Borges (Professor na Faculdade de Ciências Agrárias e do Ambiente da Universidade dos Açores) – Num momento em que o nosso planeta está em perigo perante as ameaças das alterações globais, é importante assinalar este dia e reflectir sobre como mitigar essas ameaças.

Qual é a importância dos artrópodes para os ecossistemas dos Açores?

Estes pequenos animais ocupam uma enorme variedade de habitats, sendo fundamentais na composição, estrutura e funcionamento dos ecossistemas terrestres, incluindo os habitats agrícolas. Pela sua acção, fornecem, directa e indirectamente, muitos serviços aos ecossistemas e à humanidade. Entre os artrópodes, os predadores generalistas são muito importantes na gestão e controle biológico de pragas nos ecossistemas agrícolas. Os artrópodes protagonizam outros importantes serviços nos ecossistemas, participando na reciclagem de nutrientes (decomposição; formação e enriquecimento do solo), controle de pragas, polinização, etc., por exemplo, como as abelhas, as borboletas, as vespas, e muitos outros, são polinizadores essenciais para muitas plantas, incluindo aquelas que produzem frutas, legumes e sementes que são vitais para a alimentação humana e para a biodiversidade vegetal.

Quais são as espécies de artrópodes endémicas dos Açores que são mais vulneráveis? Que medidas estão a ser tomadas para proteger essas espécies?

Os Açores, sendo um arquipélago isolado no meio do Atlântico Norte, abrigam cerca de 300 espécies endémicas de artrópodes, muitas das quais estão ameaçadas ou em risco devido a factores como perda e degradação de habitat, espécies invasoras, alterações climáticas, entre outros. Nos últimos anos, realizámos a avaliação do seu estado de conservação para a IUCN ou União Internacional para a Conservação da Natureza (em inglês, International Union for Conservation of Nature), uma das principais organizações internacionais dedicadas à conservação da natureza e à sustentabilidade. Como resultado, temos mais de 50% das espécies com estatuto de elevada ameaça, sendo essa percentagem mais elevada nos escaravelhos, atingindo 75%.

"Um grupo assinalável de plantas exóticas invasoras como o incenso, a conteira e a hortênsia estão a alterar os solos das florestas nativas dos Açores..."

As medidas mais importantes para salvar estes animais da extinção são a melhoria dos seus habitats, o que nos Açores actualmente implica diminuir o avanço das espécies de plantas invasoras. Um factor positivo nessa direcção foi a aprovação de dois projectos internacionais geridos pelo Governo Regional dos Açores, LIFE-BEETLES e LIFE-SNAILS que estão a restaurar os habitats mais importantes para muitas das espécies de artrópodes dos Açores nas ilhas Terceira, Pico e Flores (LIFE-BEETLES) e Santa Maria (LIFE -SNAILS).

Qual o impacto da actividade humana, como o turismo e a agricultura, nos ecossistemas da Região?

A actividade humana, incluindo o turismo e a agricultura, pode ter vários impactos significativos nos ecossistemas, tais como: perda de habitat – o desenvolvimento de áreas turísticas nas zonas costeiras, por vezes, leva à destruição ou fragmentação de habitats naturais, o que pode resultar na perda de biodiversidade e na extinção de espécies; poluição – a agricultura pode gerar poluição do ar, da água e do solo devido ao uso de produtos químicos, descarte inadequado de resíduos e emissões de veículos; erosão do solo – práticas agrícolas intensivas, como o uso excessivo de pesticidas e fertilizantes, podem causar erosão do solo, diminuindo sua fertilidade e contribuindo para a degradação do ecossistema; introdução de espécies invasoras – o turismo e o comércio internacional de produtos agrícolas podem introduzir espécies invasoras em ecossistemas naturais das nossas ilhas, perturbando o equilíbrio ecológico e ameaçando espécies endémicas.

> **"A actividade humana, incluindo o turismo e a agricultura, pode ter vários impactos significativos nos ecossistemas: o desenvolvimento de áreas turísticas nas zonas costeiras, por vezes, leva à destruição ou fragmentação de habitats naturais, o que pode resultar na perda de biodiversidade e na extinção de espécies..."**

Para minimizar esses impactos e promover práticas mais sustentáveis, devem ser adoptadas medidas urgentes. É essencial implementar regulamentações e políticas eficazes para o uso da terra e o desenvolvimento de áreas turísticas, garantindo que os ecossistemas sejam protegidos e preservados.

Quais são os maiores desafios que os ecossistemas insulares enfrentam em termos de conservação da biodiversidade?

Infelizmente são muitos, mas podem ser resumidos os mais importantes da seguinte forma:

Fragmentação e degradação dos habitats – a urbanização, agricultura, expansão do turismo e infra-estrutura associada podem resultar na fragmentação e perda de habitat para muitas espécies nativas, principalmente nas zonas costeira dos Açores.

Avanço das espécies invasoras – um grupo assinalável de plantas exóticas invasoras como o incenso, a conteira e a hortênsia estão a alterar os solos das florestas nativas dos Açores, levando à diminuição da biodiversidade.

Alterações climáticas – as ilhas frequentemente enfrentam os impactos das mudanças climáticas, como aumento do nível do mar, tempestades mais intensas e mudanças nos padrões de precipitação. Isso pode resultar na perda de habitat costeiro, erosão de praias, intrusão de água salgada em aquíferos e mudanças nos padrões de temperatura e precipitação, afectando a distribuição e sobrevivência das espécies nativas e endémicas.

Conteira - espécie invasora dos Açores

Camarinha - Espécie endémica da Região

“Pretende-se avaliar o estatuto dos artrópodes açorianos na Lista Vermelha da IUCN e propor uma lista de espécies exóticas para a Lista Negra...”

“É importante ressalvar que todas as ilhas dos Açores enfrentam desafios únicos e podem ter diferentes pontos fortes e áreas de melhoria em relação à sustentabilidade ambiental. Por exemplo, a ilha de Santa Maria possui uma área muito pequena de floresta nativa...”

“Para promover práticas mais sustentáveis, devem ser adoptadas medidas urgentes. É essencial implementar regulamentações e políticas eficazes para o uso da terra e o desenvolvimento de áreas turísticas, garantindo que os ecossistemas sejam protegidos e preservados.”

Existem ecossistemas em perigo nos Açores em resultado das alterações climáticas? Se tiver que classificar cada uma das ilhas em termos de sustentabilidade, ao nível do ambiente, qual será a ordem?

Durante os últimos 20 anos, a minha equipa promoveu o desenvolvimento de dois grandes projectos de monitorização da biodiversidade de artrópodes nas florestas nativas dos Açores, usando os artrópodes como indicadores de qualidade ambiental. No geral, as ilhas com áreas maiores de floresta nativa são as melhor classificadas: Terceira, Pico e Flores e estamos através do projecto LIFE-BEETLES a tentar recuperar áreas degradadas.

No entanto, é importante ressaltar que todas as ilhas dos Açores enfrentam desafios únicos e podem ter diferentes pontos fortes e áreas de melhoria em relação à sustentabilidade ambiental. Por exemplo, a ilha de Santa Maria possui uma área muito pequena de floresta nativa com um património único de artrópodes e moluscos terrestres, e através do projecto LIFE-SNAILS será possível ampliar a cobertura de plantas endémicas.

Qual é a relação entre a diversidade de artrópodes e a resiliência dos ecossistemas insulares face a perturbações naturais e humanas?

A diversidade de artrópodes desempenha um papel crucial na resiliência dos ecossistemas insulares face a perturbações naturais e humanas. Os artrópodes desempenham uma variedade de funções ecológicas nos ecossistemas, incluindo polinização, decomposição de matéria orgânica, controle de pragas e reciclagem de nutrientes. Quanto maior a diversidade de artrópodes num ecossistema, maior a probabilidade de que essas funções sejam desempenhadas de forma eficaz e resiliente a perturbações.

A diversidade de artrópodes pode influenciar a capacidade de um ecossistema de se recuperar de perturbações naturais, como tempestades ou secas, bem como de perturbações humanas, como a introdução de espécies invasoras ou a destruição de habitats. Ecossistemas com maior diversidade de artrópodes podem ter uma capacidade maior de se adaptar e se recuperar dessas perturbações. Consequentemente, a diversidade de artrópodes é fundamental para promover a resiliência dos ecossistemas insulares, garantindo o seu funcionamento eficaz e a sua capacidade de se adaptar e recuperar de perturbações naturais e humanas. A conservação e protecção dessas espécies são, portanto, essenciais para a manutenção da saúde e da estabilidade dos ecossistemas insulares.

Quais são os principais resultados que obteve da sua investigação sobre artrópodes nos Açores?

O nosso trabalho teve vários tipos de impactos, e queria salientar três: com mais de 200 publicações internacionais nos últimos 20 anos, a minha equipa colocou os Açores no mapa da investigação internacional usando os artrópodes como indicadores. Os resultados destas investigações inspiraram muitos projectos e geraram parcerias importantes com colegas de inúmeras Universidade de vários países. Além disso, contribuímos para o desenho das áreas protegidas nos Açores e a nossa investigação inspirou as candidaturas pelo Governo Regional dos projectos LIFE-BEETLES e LIFE-SNAILS.

Como é que os cidadãos se podem envolver na conservação dos ecossistemas insulares em geral?

Existem inúmeras maneiras pelas quais os cidadãos se podem envolver na conservação dos ecossistemas insulares. A educação é fundamental para aumentar a consciencialização sobre a importância dos ecossistemas insulares e os desafios que enfrentam. Os cidadãos podem-se envolver participando em programas de educação ambiental, *workshops* e campanhas de sensibilização. Nos Açores, existem muitas organizações e instituições locais que trabalham na conservação dos ecossistemas insulares e dependem do apoio de voluntários, nomeadamente Os Montanheiros e Amigos dos Açores. Os cidadãos podem-se envolver em actividades de monitorização da biodiversidade, restauração de habitats, limpeza de praias e trilhas, entre outras actividades.

A participação em programas de ciência cidadã será importante, e temos uma iniciativa já a decorrer no AZORESBIOPORTAL.

Os cidadãos podem, ainda, adoptar práticas sustentáveis nas suas vidas diárias, tais como reduzir o consumo de recursos naturais, reciclar, reduzir o uso de plástico, escolher produtos locais e orgânicos sempre que possível, e praticar turismo responsável.

Que métodos utiliza na sua investigação para estudar os artrópodes nos ecossistemas dos Açores? Esses métodos podem ser aplicados noutras áreas de estudo?

Nos últimos 20 anos, utilizámos três técnicas principais, designadamente armadilhas de caída para capturar os artrópodes do solo; batimentos nas copas das árvores para capturar os artrópodes associados à vegetação e armadilhas SLAM. O nome SLAM -”Sea, Land, Air Malaise” refere-se às três principais áreas de amostragem para os insectos: mar (*sea*), terra (*land*) e ar (*air*). As armadilhas SLAM são úteis para estudos de biodiversidade em diferentes tipos de ecossistemas, proporcionando uma amostragem eficaz da fauna de insectos numa determinada área.

Que projectos tem entre mãos actualmente?

Actualmente, uma parte substancial da minha investigação insere-se no âmbito do projecto MACRISK (FCT-PTDC/BIA-CBI/0625/2021) em que pretendemos quantificar o risco de extinção de espécies indígenas e de invasão das introduzidas, utilizando dados da variação espacial e temporal da abundância e incidência. Pretende-se igualmente e avaliar o estatuto dos artrópodes açorianos na Lista Vermelha da IUCN e propor uma lista de espécies exóticas para a Lista Negra.

Carlota Pimentel

Olimpíada Europeia das Ciências Experimentais

"Os nossos alunos gostam muito das ciências", afirma professor Eduardo Pinto, que ajudou o jovem açoriano que conquistou medalha de prata no Luxemburgo

O jovem açoriano, de 16 anos, Afonso Benevides, da Escola Secundária Domingos Rebelo, conquistou a medalha de prata na Olimpíada Europeia das Ciências Experimentais, no Luxemburgo, que decorreu entre 7 e 14 de Abril. Foi preparado e acompanhado pelo professor Eduardo Pinto, de Física e Química, e pela professora Paula Lezaola, de Biologia. Em entrevista ao Jornal Correio dos Açores, Eduardo Pinto explica como foi a preparação do jovem açoriano, a sensação para a escola e a grande vontade dos alunos em participar nas regionais de qualquer uma das três áreas que fazem parte da Olimpíada Europeia das Ciências Experimentais – Biologia, Física e Química.

Correio dos Açores - Como surgiu a oportunidade para os jovens da Escola Secundária Domingos Rebelo participar nestas Olimpíadas?

Eduardo Pinto (Professor de Física e Química) – A nossa escola participa muitas vezes nas Olimpíadas de Física, nas Olimpíadas de Química e nas Olimpíadas de Biologia a nível nacional, e há dois anos, em 2022, a nossa escola foi à fase nacional das Olimpíadas de Física, à qual a equipa de Afonso Benevides, Francisco Almeida e Francisco Teixeira, ganharam a medalha de bronze, ou seja, ficaram entre as três melhores equipas de todo o país. Nas Olimpíadas de Biologia, curiosamente, o Afonso Benevides e o Dinis Lima conquistaram a medalha de ouro. Entretanto, os medalhados da nossa escola das duas Olimpíadas foram convocados para uma prova de selecção para seleccionar os melhores seis alunos para representar Portugal na Olimpíada Europeia das Ciências Experimentais, depois o Afonso ficou entre os seis melhores e representou Portugal em Luxemburgo este ano.

Qual é a sensação para a Escola Secundária Domingos Rebelo ter sido a escola pública com mais representantes na prova da selecção nacional?

A Escola Secundária Domingos Rebelo (ESDR) foi das poucas escolas pública que participou e foi a escola pública com mais representantes, apenas o Colégio Moderno, de Lisboa, levou tantos alunos como nós para a prova de selecção.

Nós, como escola, ficamos muito satisfeitos, até porque mostramos que se está a trabalhar muito bem as ciências na Região Autónoma dos Açores, e para o aluno, também, é uma mais-valia, pela experiência que ele tem, as viagens, a interculturalidade europeia, estar com outros alunos de outras escolas europeias, e a nossa escola esteve muito satisfeito. É mesmo gratificante para os professores dar esta oportunidade aos nossos alunos para participar nestes eventos que será uma mais-valia enorme. A nossa escola fazemos isto não é pelos professores, mas sim pelos alunos que, assim, vão ter esta experiência de vida, que, possivelmente, não vão ter mais na vida, mas já tiveram aquela oportunidade. Nós ficamos satisfeitos, além de injectar a região a nível nacional e internacional.

Foi o melhor resultado de sempre de um aluno da Escola Secundária Domingos Rebelo?

Nas Olimpíadas Nacionais de Física, a nossa escola já teve vários alunos a vencer as nacionais e a representar Portugal nas internacionais e nas ibero-americanas. Nestas olimpíadas de ciências, que é mais valorizada, por juntar as três áreas, foi a primeira vez que chegamos ao pódio com um aluno da nossa Região e foi, por acaso, no ano em que Portugal teve o melhor resultado de sempre nessas olimpíadas.

Agora, antes da pandemia da Covid-19, tínhamos um aluno que estava a ser preparado para representar Portugal nestas olimpíadas, só que entretanto apareceu a Ccovi e essa edição não foi realizada. Tivemos a sorte do Afonso ter sido seleccionada e correspondeu no melhor resultado de Portugal.

Professor Eduardo Pinto e o aluno Afonso Benevides, da Escola Secundária Domingos Rebelo

Como foi a preparação do Afonso Benevides para as Olimpíadas?

Depois da prova de selecção, o Afonso Benevides foi acompanhado por mim, que sou professor de Física e Química na escola, e pela professora Paula Lezaola, de Biologia, visto que estas olimpíadas eram de Ciências Experimentais, envolve essas três ciências, que são Física, Química e Biologia. Nós apoiamos o Afonso tanto nas deslocações como nas dúvidas que poderia ter na sua preparação. Esta preparação consistia em ir cinco fins-de-semanas a Lisboa, que foram feitas no INIAV, em Oeiras, e na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova, no Monte da Caparica, entre 15 de Fevereiro e 10 de Março. Foram cinco fins-de-semanas totalmente dedicados a essas três áreas.

Há uma grande aposta na área das ciências experimentais na Escola Secundária Domingos Rebelo?

O Conselho Executivo da Escola Secundária Domingos Rebelo dá-nos o material praticamente todo para preparar os alunos no melhor possível, obviamente, não nos dá tudo. Tenho noção, que em comparação com outras escolas da Região, temos laboratórios mais bem equipados. Por isso, quem dirige na escola está a apostar muito nas ciências experimentar. No entanto, também aposta nas outras áreas, por exemplo, em artes, que abriu há pouco na nossa escola, e, como se sabe, antigamente, era uma área com uma maior aposta na Escola Secundária Antero de Quental, mas ainda é recente na nossa escola. A Escola Secundária Domingos Rebelo tem apostado bem na área das ciências experimentais, principalmente na execução das nossas actividades experimentais. Inclusive, por exemplo, agora, estou na ilha da Terceira, com alunos que estão a representar a escola na regional das Olimpíadas de Física, e a escola está a fazer um grande esforço para tentar financiar e vai ter que concorrer alguns projectos da Direcção Regional da Tecnologia para reaver algum desse dinheiro, caso contrário não íamos conseguir vir aqui.

A Escola Secundária Domingos Rebelo está a dar apoio nas regionais de Olimpíadas de Física. Como é o processo de financiamento nas regionais, nacionais e europeias?

As regionais, neste caso, é como estava a dizer, há um concurso na Direcção Regional da Ciência e Tecnologia que vai abrir para poder financiar estas deslocações. Depois a nível nacional, quem financia na totalidade as despesas de tudo, é a Sociedade Portuguesa da Física, que, neste caso, estou a falar das Olimpíadas de Física. E as despesas do alojamento e da alimentação para a preparação da Olimpíada realizada em Luxemburgo foram financiadas pelo Ministério de Educação, enquanto a Secretaria Regional da Educação assegurou o financiamento dos voos e das deslocações em Lisboa, como os táxis. Depois, por exemplo, nas Olimpíadas de Química, nós vamos participar nos nacionais depois de termos passado nas regionais, e a Sociedade Portuguesa da Química nos financia o alojamento, a alimentação e a deslocação do Porto para Aveiro, este último é o local das nacionais das Olimpíadas de Química, enquanto a Secretaria Regional da Educação financia o voo até ao Porto.

Acredita que a área das ciências experimentais está a crescer nos Açores?

Claro que sim. E cada vez mais tem que crescer. A indústria que os Açores têm que ter mais ciências. Desta forma, é cada vez mais importante ter ciências nesta área, especialmente no desenvolvimento da Região. Caso contrário, a região tem o risco de ficar para trás, e isso não pode acontecer. Por isso, é preciso apostar na ciência para evoluir cada vez mais e desenvolver uma região.

Na sua opinião, acha que os alunos estão a valorizar cada vez mais a área da Física e Química?

Apenas falando na Escola Secundária Domingos Rebelo, acho que temos muita sorte, porque os nossos alunos gostam muito das ciências, tanto de Física e Química como de Biologia. Há sempre uma prova a nível de escola, anualmente, para decidir quem vai representar a escola a nível regional e nacional das Olimpíadas, e nós temos sempre muitos alunos que querem representar a escola, inclusive, temos alunos do 8.º ano que já pensam em participar. Temos uma sorte extrema.

Filipe Torres

José Soares lança livro 'Peixes do meu Quintal' a 24 de Abril no Forte de S. Brás

O comerciante de ouro no Canadá que comprou um velho moinho junto à praia do Porto Formoso onde abriu um café e criou raízes

Correio dos Açores - O que é a Lusologia?

José Soares - Lusologia é um dos temas sob o qual nós temos escrito muito, já desde 1979/80. É tudo o que diz respeito aos lusos. É uma invenção que eu fiz, uma junção de duas palavras, os lusos e as logias que dizem respeito aos lusos, formando uma nova palavra. As línguas são vivas. É como outra palavra sobre a qual tenho escrito que é 'hidrotório'. Nós temos o maior hidrotório da Europa, a maior Zona Económica Exclusiva. Hidro (água) e torrio de território.

De que trata o seu livro 'Peixes do meu Quintal'?

Este livro é uma colectânea de crónicas que temos vindo a escrever, sobretudo, no Diário dos Açores, que foi onde começamos quando o Osvaldo me convidou há uns 10 anos atrás. Nessa altura, já fazíamos crónicas para o Açoriano e, depois, o Osvaldo Cabral convidou-me e eu aceitei. O livro é essa colectânea de crónicas 'Peixes do meu Quintal'. E o nosso quintal é o oceano …

Começou no Correio dos Açores...

Começo a minha actividade jornalística em 1970, no Correio dos Açores. O livro tem uma fotografia desta altura. Daí para cá nunca mais parei. Tenho também uma foto das pessoas que escreveram para o cinquentenário do Correio dos Açores e o jornal já tem mais de 100 anos.

Nasceu onde?

Ponta Delgada, São José. Fiz a escola primária no Campo de São Francisco até à quarta classe. Depois fui para a Escola Comercial e Industrial de Ponta Delgada, junto do Teatro, onde fica hoje em dia a Escola Roberto Ivens. Fiquei lá até ao sétimo ano.

O que se seguiu?

Fui para Lisboa, onde frequentei a Universidade Católica. Tirei o curso de História porque, na altura, não existiam cursos de Comunicação Social. Trabalhava de dia e estudava à noite.

Interrompi o estudo para ingressar no exército. Ou interrompíamos o curso para fazer o serviço militar obrigatório e depois, no fim deste serviço, regressávamos e terminávamos o curso, - e isso era daquelas coisas que atrasava muito a vida das pessoas - , ou então pedíamos ao Ministério da Guerra para nos adiar o ingresso no serviço militar até acabar o curso. Havia estas duas opções. Eu interrompi porque não queria ficar em Portugal.

A primeira crónica no Correio dos Açores foi censurada. Era sobre a Helga, o segredo da maternidade. Mesmo assim tem umas coisinhas que deixaram passar.

Foi para onde no Ultramar?

Fui para a Guiné-Bissau.

Como foi a sua missão?

Geralmente não falamos nela. A guerra é o expoente da estupidez humana. Estive na frente da guerra, no mato.

No habitual jantar do 25 de Abril. No fim do qual sempre era cantada a "Grândola, Vila Morena", acompanhada à viola por José Soares

Tem recordações desse tempo?

Tenho coisas escritas sobre isso que ainda não foram publicadas. Estou em vias de terminar um romance, onde talvez algumas coisas dessa altura entrem numa história fictícia do romance em si. A ficção, ao fim e ao cabo, é tirada das experiências e as experiências são transformadas em ficção. Tudo é ficção.

Mas a guerra não foi ficção, foi uma realidade...

Digamos que sim...

Quanto tempo esteve na Guiné?

Estive lá durante 28 meses, que foi o tempo da comissão. Na Guiné a missão era mais curta do que nas restantes colónias.

Em que zona da Guiné ficou?

Fiquei na Aldeia Formosa, Mampatá.

Porque é que se chama Aldeia Formosa?

Porque Mampatá pertencia ao concelho da Aldeia Formosa. É apenas a referência porque existe outra localização que se chama Simpatá. Então, para não haver confusão com os nomes, chamávamos de Mampatá, Aldeia Formosa.

Quando regressa a Lisboa?

Regressei a Lisboa em Janeiro de 1973. E depois de ter falado da Guiné com o general Spínola, (ele falava com todos), com ele a pedir-me para ficar mais tempo na comissão, eu recusei. O general até disse que as coisas iam mudar, mas disse-lhe que já ouvia a conversa de que as coisas iam mudar há muito tempo. Então decidi sair do país.

E foi para onde?

Fui para o Canadá, mais propriamente para Quebec. Mais ou menos dois meses depois ingressei no Algonquin College, um colégio de ensino superior. Na altura, não havia cursos em francês, então tirei em inglês. E foi aí que tirei o curso de Comunicação Social.

> **"A Comunicação Social não dá dinheiro, ou seja, não se enriquece com isso. Uma boa parte dos jornalistas investem amor no que faz e não por dinheiro. Está ali porque gosta daquilo, das histórias, do cheiro a tinta e de tudo o mais..."**

Quando casou?

Casei em 1973. O meu primeiro casamento. Tinha uma noiva que já namorava desde a Escola Industrial e casamos no Canadá. Tenho três filhos e oito netos.

A Comunicação Social não dá dinheiro, ou seja, não se enriquece com isso. Uma boa parte dos jornalistas investem amor no que faz e não por dinheiro. Está ali porque gosta daquilo, das histórias, do cheiro a tinta e de tudo o mais.

É fácil lançar um jornal no Quebec?

Não será fácil. Quando és tradutor, traduzes as línguas estrangeiras para a tua língua materna. Ser editor de um jornal em português, o Comunidad em 1973, num país estrangeiro e com língua estrangeira, não é fácil. Obviamente que o jornal era, essencialmente, dirigido para a comunidade de expressão portuguesa, sem dúvida nenhuma.

Lê-se em português no Quebec?

Lê-se, embora tivesse as suas limitações. Nós sabemos que as comunidades emigrantes daquela altura, sobretudo dos anos 50/60/70, eram pouco escolarizadas. Claro que dependia da edição que fizesses. Se fosse mais apelativa, tinha mais sucesso. E o jornal era distribuído gratuitamente.

Conseguia ter publicidade?

Sim, claro. Era através da publicidade que conseguíamos fazer as edições. Foi assim que fizemos. Ao mesmo tempo, fizemos rádio e televisão, sempre em português. Era num canal francês no Quebec. E, paralelamente a essas coisas, ingressei, a convite de um deputado local, (e não nos devemos esquecer que as eleições lá são uninominais que é um sistema diferente do nosso) no Partido Liberal, convite que aceitei. Então fiz, também, carreira na política canadiana.

Fomos subindo na pirâmide, e cheguei até a fazer campanha com o pai do actual Primeiro-ministro, Justin Trudeau, que é o falecido Pierre Elliot Trudeau. Depois, participei no primeiro referendo para a independência do Quebec em 1980. Nessa altura, combatemos o referendo. Estava no Partido Liberal e foi a minha visão na altura por falta de, se calhar, de conhecimento, da realidade canadiana, o que hoje, aliás, reconheço.

Trabalhei com o Partido Liberal a confrontar e a combater a separação do Quebec. Mais tarde, me 1995, aquando do segundo referendo, eu já tinha feito uma evolução bastante acentuada de integração no Canadá e, nessa altura, compreendi que as razoes do Quebec. Antes, em 1980, desconhecia, em termos históricos, o que tinha acontecido e os porquês da ambição do povo do Quebec para a sua soberania. Por isso, em 1995 abracei o sim e fui convidado pelo Primeiro-ministro da altura, Jacques Parizeau, a ingressar nas campanhas do segundo referendo. Nesse ano fui chamado pelo Primeiro-ministro canadiano, que era o Jean Chrétien, quebequense que me tentou virar as ideias, algo que era normal.

Eu era usado e bem usado, sobretudo com as etnias - as italianas ou de língua hispânica, os portugueses. Era, sobretudo, com esses que falávamos. Eram piscinas de tubarões e eu era uma sardinha no meio daquilo. Eles eram, naturalmente, contra a separação do Quebec. Os emigrantes enquanto emigrantes, são emigrantes porque sentiram instabilidade nos seus países de origem, de uma forma ou de outra, de várias formas: económica, social, ou outras e por isso emigram.

Quem está bem no seu país de origem, não emigra. Ao sentirem instabilidade emigram e querem a paz social e política, se possível. Portanto, são, naturalmente, contra qualquer sobressalto, qualquer terramoto que vá contra isso.

Tínhamos de fazer campanhas de pedagogia e explicar a eles o que eu também tinha acabado de aprender sobre o Quebec e as razões que levaram 6 milhões e tal de pessoas francófonas a pedir o reconhecimento à sua identidade enquanto povo, língua e cultura. Hoje são quase 9 milhões. É quase a população de Portugal.

Fui convidado, numa campanha eleitoral

José Soares com Adriano Moreira

"Temos uma Autonomia em camisas-de-forças, completamente controlada..."

para o Governo do Quebec, que já me tinham prometido a Emigração, através de um deputado muito influente do partido. Mas eu desisti porque já tinha ideia de regressar. Eu fazia muitas viagens aos Açores e a Portugal por questões comerciais.

Paralelamente a isto tudo, abrimos ourivesarias no Canadá.

Teve ourivesarias no Quebec?
Sim.

Foi um bom negócio...
Naquela altura foi um bom negocio, hoje não seria. Tudo tem o seu tempo.

Vendeu as ourivesarias?
Sim, vendi. Antes de decidir reemigrar na minha própria terra. Então, decidi vender tudo lá e vir para cá.

Veio para São Miguel quando?
De uma forma mais definitiva foi no ano 2000. Exactamente no virar do milénio.

E veio porquê?
Porque sair da ilha é a pior maneira de ficar nela.

Nunca perdeu as saudades pela ilha...
Não.

Trouxe a esposa e os filhos para São Miguel?
Os filhos ficaram lá. A minha primeira esposa, entretanto, faleceu, a mãe dos meus filhos. E quando vim para cá já conhecia uma companheira, com a qual vivi muitos anos, até casar em 2009. Foi numa Quinta-feira, que acordei mal disposto e disse: "olha amor, vamos casar". (risos). Já estávamos juntos há mais de 20 anos. E casamos. Como dizem os brasileiros, com papel passado. (risos).

Quando regressa a São Miguel, fica a fazer o quê?
Em São Miguel eu tenho um membro da família que me levou um dia a fazer um piquenique a um sítio que chamavam Praia dos Moinhos e que eu não fazia ideia de onde era. Eu cresci em Ponta Delgada e, naquela altura, Ponta Delgada era a ilha de São Miguel, o resto não existia. De bicicleta era um pouco longe para ir lá. Não sabia o que era, embora já tivesse ido para aqueles lados uma vez, quando fui pedir aos pais da minha primeira mulher autorização para namora-la. Naquela altura era assim. Ela era dos Fenais da Ajuda. Levamos 1h45m para chegar lá. Aquilo para mim era muito longe.

Como se instala no Porto Formoso?
Foi acidental. Nos anos 90 começo a fazer muitas viagens a Portugal e no, regresso, parava sempre nos Açores. Ficava em Ponta Delgada em casa desta minha prima, e quando me convida para fazer um piquenique numa praia eu concordei. Fomos para lá, até havia umas bostas de vaca lá na areia porque havia um senhor que levava as vacas para a praia, uma a duas vezes por mês, para lavar as tetas com água salgada. Parece que isto fazia bem às vacas. Agora, têm químicos para isso e não levam as vacas para a praia.

Eu tenho uma dependência. Sou dependente de café. Então quis tomar um café depois do piquenique na praia. E indicaram-me que teria de ir a uma taberna na freguesia tomar um café, ao senhor Luís dos Ovos. A sua taberna ficava perto do porto e estava cheia de pescadores. Este foi o meu primeiro contacto com este povo, de que gostei muito. Eles ensinaram-me muito.

No regresso fiquei a pensar como é que um sítio tão bonito, que me deixou logo apaixonado, não tinha sitio para tomar café.

Dois ou três dias depois de ficar a pensar nisso, fui lá de novo e encontrei um velho moinho de água. Estou a falar em 1986. Bati à porta do moinho e apareceu-me aquela clássica figura açoriana, de uma senhora de xaile toda vestida de negro, porque já era viúva, e perguntei-lhe se queria vender. Chegamos a um acordo e segui a minha vida.

A seguir tive que restaurar o velho moinho e comprar uma máquina de café.

Restaurou o moinho com o dinheiro do ouro...
(risos) Era a minha vida. Era o que dava dinheiro. A política também dava, não posso dizer o contrário. Já os jornais davam para matar o vício do jornalismo. No fundo, foi sempre o que eu gostei de fazer.

Restaurei o moinho e comprei a máquina de café.

Deixe que lhe diga que o Pedro Almeida Maia vai fazer a apresentação do livro no dia 24 de Abril, às 18 horas no Museu Militar dos Açores, que fica no Forte de São Brás, no Campo de São Francisco.

Ironicamente, eu nasci numa casa a 100 metros dali. E foi ao pai dele, que era um comerciante de materiais industriais para restauração, que eu comprei o material para o primeiro bar do moinho. Mal pensava eu que o filho dele iria apresentar o meu livro anos depois.

Aquela propriedade ainda é sua?
Sim, ainda é minha.

E tem crescido?
Compramos duas ou três propriedades ali à volta, uma que era do Ted Smith, que era treinador do Benfica e que depois veio para cá. (….)

Entendia que o sítio tinha potencial. Na altura, era muito cedo, talvez. Mas, agora, está a chegar a sua altura. Tudo tem o seu tempo.

O que o marcou mais ao longo da sua vida?
Sem dúvida nenhuma que foi a guerra. A guerra marca.

E é a única coisa de que não quer mesmo falar...
Não vale a pena, é tempo perdido. Aqueles que falam muito sobre isso, tiveram pouco que fazer lá. Eram situações perigosas, no meio de muito barulho. O Spínola ia lá muitas vezes para levantar a moral porque sabia que eram sítios de maior operacionalidade. Todas as guerras são tolas, não é?

E hoje o que faz?
Escrevo. Estou a fazer aquilo que sempre gostei de fazer e que, de certa maneira, sempre fiz.

Reformou-se?
Não. Não gosto de me reformar. Não me reformo. Ainda faço tudo o que puder fazer. A cosia que nunca devemos deixar que nos façam é sermos descartáveis como os copos de plástico. Serve-se uma vez e mete-se para o lado. A sociedade hoje tem muito este hábito de descartar aquilo que chamam de terceira idade.

Eu não gosto de reforma, estou sempre no activo. Sob o ponto de vista oficial sim, estou reformado. O Governo, por exemplo, não me aceitaria como empregado, nesta altura. Mas faço tudo. Tenho uma grande polivalência, aprendida alias nas velhas escolas industriais que nos ensinavam muito dessas coisas.

O mal foi termos cortado, depois da instauração da democracia, com tudo o que era salazareno. Mesmo aquilo que era bom. Porque havia coisas boas. Nenhum sistema só tem coisas más. Havia algumas coisas boas. E das escolas industriais, saíam grandes mestres em tudo. Tínhamos cursos de quase tudo. Aprendi essa polivalência e hoje prego pregos, faço construção...

Como olha para a evolução da política açoriana?
Olho com bastante optimismo. Alcançamos em 50 anos, como me disse à pouco, o Américo Viveiros, mais do que nos últimos 500 anos, sem dúvida nenhuma. Embora, com tudo aquilo que possamos criticar, com todo o direito legitimo com que o possamos fazer, mas há um saldo positivo.

O saldo positivo que mais não fora, é a própria liberdade em si que não existia no tempo. E hoje todos nós temos liberdade para mudar. Se não estivermos satisfeitos com o actual sistema, temos liberdade para o mudar. Mas é preciso uma acção cívica, não podemos estar sentados à espera que o Governo ponha e disponha das coisas. O cidadão é o Governo. Apenas delegamos o poder neles, de quatro em quatro anos. O povo é o poder. O povo com liberdade e dentro da ordem social, obviamente, pode sempre mudar as coisas.

Eu sou optimista. Aquilo que vejo hoje em dia é que podia estar melhor. Pode sempre estar melhor, mas também podia estar pior. As coisas são o que são.

Sou agnóstico, embora respeite todas as crenças. Tenho um santo do ponto de vista cultural, que é o Santo Cristo.

Nasci num Sábado de Santo Cristo, no Campo de São Francisco. Ao nascer ouvi logo aquela música e deve-me ter ficado (…).

Todas as vezes que venho a Ponta Delgada, e venho muitas vezes, paro no Campo de São Francisco e se a igreja estiver aberta entro e vou-lhe dizer bom dia. Falamos um pouco um com o outro e depois vou-me embora.

Que reflexão faz sobre a Autonomia dos Açores?
Primeiro, temos de ter as nossas próprias forças políticas. Já não digo que os Açores ou a Madeira sejam independentes. Se nunca houver uma maioria para isso, pois que seja, mas que tenhamos uma Autonomia.

Porque o que temos agora, e eu tenho escrito muito sobre isso, é uma Neo-autonomia. Não é uma autonomia como deve ser.

Neo-autonomia, porquê?
Temos uma autonomia em camisas-de-forças, completamente controlada por São Bento e Belém, em Lisboa. Como? Por exemplo, a Constituição Portuguesa proíbe partidos regionais ou insulares. Não podemos ter. Não podemos fazer qualquer espécie de auscultação popular a não ser que seja nacional. Fizemos a do aborto, que me lembro, mas era regional, mas sim nacional.

Fazer um referendo, seja sobre o que for nos Açores, tem muitas restrições constitucionais…

Vai viver a sua vida nos Açores?
Quem sabe. Ninguém sabe. Tenho vivido até aqui e espero que sim. Não tenho intenção de deixar as ilhas. Considero o Canadá como uma pátria que me acolheu e pelo qual tenho um grande respeito. Até de uma forma especial o Quebec. Tenho essas duas nações às quais estou umbilicalmente ligado, mas obviamente que as raízes da árvore estão enfiadas aqui, nestes picos atlânticos. É difícil arrancá-las.

Poderás cortar uma árvore, mas a raiz fica lá. Até poderá apodrecer mas fica sempre lá.

João Paz/F.F.

"A liberdade que nos foi dada deveria ter sido usada para lutar contra as desigualdades sociais", afirma Monsenhor Weber Machado

Sacerdote, professor do Seminário de Angra foi vigiado pela PIDE durante vários anos; a revolução de 74 apanhou-o a dar uma aula de matemática, na Povoação.

Em Maio de 1969 Monsenhor Weber Machado foi chamado pela primeira vez à PIDE e a conversa com o director foi de tal maneira intimidatória que optou por se resguardar um pouco mais no seu activismo cívico, a anunciar a Doutrina Social da Igreja.

"Eu sentia-me com força interior, estava a anunciar o evangelho e a Doutrina Social da Igreja, ma, na verdade, a conversa que tive com o director da PIDE, quando me disse que ir lá muitas vezes ou poucas dependia mais de mim do que dele, mexeu comigo", afirma Monsenhor Weber Machado, um dos poucos sacerdotes açorianos vivos que viveu intensamente no anterior regime e teve problemas com ele.

"Nunca senti um grande entusiasmo nem apoio dos meus colegas; havia alguns padres que seguiam e regiam o seu ministério pela Doutrina Social da Igreja, mas a maioria estava acomodada e nem sequer os livros que estavam na prateleira os liam", refere numa entrevista ao Igreja Açores, que vai para o ar na íntegra no próximo domingo, na Antena 1 Açores e no Rádio Clube de Angra, às 10h10 e depois do meio dia, respectivamente.

"Há coisas no 25 de Abril que foram óptimas; outras que começaram há 30 anos que vêm chocar muito com a doutrina da Igreja..."

O sacerdote, natural de Água Retorta, no concelho da Povoação é conhecido como o padre dos pobres e, antes do 25 de Abril, era considerado um agitador, epiteto que recorda com alguma graça, quando interpelado sobre se era comunista.

"Se comunismo era defender a Doutrina Social da Igreja então eu era um enormíssimo comunista" refere, reconhecendo que "fazia muitas coisas" e por isso o consideravam um agitador.

"Lutava pelo direito as folgas das empregadas domésticas, dos estivadores… Quando defendi numa palestra que as empregadas domésticas deveriam folgar ao domingo tive uma embaixada de patroas no Seminário a perguntar o que é que elas iriam fazer no domingo em vez de perguntarem como vou organizar a vida de domingo sem empregada", diz com humor.

"Eu fazia muitas coisas e tinha sempre os salões cheios", refere o sacerdote que dava aulas no Seminário, mas também noutras escolas, como a de enfermagem onde dava aulas. Mas, o que mais o marcou foi a Comissão Cívica de Candidatura, que queria apresentar candidatos a deputados, nas eleições de 69. Era composta por nove elementos, uns mais proeminentes do que outros, e com maior inserção social, que fizeram a Declaração de Ponta Delgada, um documento relevante subscrito por um grupo mais alargado que os nove, mesmo dentro do Seminário.

Entre as muitas coisas estavam as conferências ao domingo nas Irmãs de Maria Imaculada, no Convento da Esperança, que foram suspensas, por "causa de eventuais problemas".

Não chegaram a ser problemas sérios, reconhece, mas na verdade "fiquei muito condicionado" até porque a própria Conferencia Episcopal "proibiu-me de fazer estas reuniões, tal como outros colegas foram impedidos de se candidatarem pelas respectivas hierarquias, o Exército no caso do Melo Antunes ou o ministério das comunicações do caso do Quintino".

"Houve colegas que fizeram convite para eu ir pregar às paróquias e, de um momento para o outro, como que desconvidaram porque eu estar lá poderia trazer-lhes problemas".

Por isso, não admira que quando o informaram da revolução se tenha "sentido aliviado, muito aliviado", refere um dos maiores entusiastas das Semanas de Estudo, criadas nos Açores em 1961, que constituíram desde sempre um fórum de reflexão e discussão de temáticas decisivas para o arquipélago, em particular, e para o mundo, em geral, que contribuíram para cultivar espírito crítico e criar no espaço açoriano a consciência de unidade regional, vindo a constituir a semente do que, após o 25 de Abril de 1974, seria a Autonomia.

"Não liderei, mas participei e gostei muito", refere. "A igreja antes vivia acomodada ao regime embora existissem vários padres que já estavam comprometidos com a mudança", apesar "do controlo absoluto que era feito".

"A minha cartilha era a Doutrina Social da Igreja e todos os documentos que defendiam os pobres… E nesta terra continua uma quantidade de inusitada e inexplicável de pobres; a quantidade de crimes, de crianças que não completa a escolaridade obrigatória, o insucesso escolar… Falhámos", reconhece.

"O 25 de Abril trouxe crescimento, mas não trouxe desenvolvimento que permitisse que todos os que viviam mal pudessem andar na cidade como verdadeiros cidadãos", afirma, acrescentando: "a pobreza absoluta se calhar não existe; está controlada até, mas a chamada pobreza relativa hoje é enorme".

"Muitas coisas aconteceram porque os padres não fizeram nada. Há coisas no 25 de Abril que foram óptimas; outras que começaram há 30 anos que vêm chocar muito com a doutrina da Igreja" lamenta.

"Essa esquerda radical encontrou um terreno onde era fácil espalhar as ideias e a igreja deveria ter-se antecipado, porque tínhamos doutrina e acção no terreno. Devíamos ter-nos interessado pela resolução dos problemas, seguir o evangelho. A questão dos pobres tinha que ser uma prioridade da Igreja e não deixarmos que outros se apropriassem desta questão, fazendo política com ela" afirma entristecido.

"E deveríamos dar exemplo. O testemunho só é credível quando a nossa acção está de acordo com o que anunciamos" diz ainda.

"Fomos poucos a ter esta prioridade e estas ideias, infelizmente".

O padre Weber Machado Pereira é natural da Freguesia de Água onde nasceu a 6 de Outubro de 1931, estudou no Seminário Episcopal de Angra, tendo sido ordenado em 29 de Junho de 1958. Licenciou-se em Teologia Sistemática na Pontifícia Universidade Gregoriana. Mais tarde, licenciou-se em matemática na Universidade de Lisboa. Foi professor do Seminário Episcopal de Angra e do Seminário Colégio Santo Cristo em Ponta Delgada.

Foi nomeado Monsenhor em Janeiro de 2006.

Após deixar a leccionação dedicou-se ao serviço da Caritas de São Miguel, da qual foi o rosto visível, tendo-se empenhado na sua organização e correspondendo aos mais gritantes apoios dos pobres da ilha de São Miguel.

Toda a sua vida foi pautada por uma sensibilidade e compromisso especial pelos pobres, a quem socorreu através da acção social, mostrando as suas incidências concretas da fé na promoção de cada ser humano. **I.A.**

"Nível de confiança" das empresas em Ponta Delgada traduz-se em "investimentos de milhões de euros", diz Pedro Cabral

l O Presidente do Município, Pedro Nascimento Cabral, afirmou, esta sexta-feira, que o "nível de confiança" e as vantagens competitivas que Ponta Delgada oferece a empresários locais e investidores estão a resultar em "investimentos de muitos milhões de euros" no concelho. "Ponta Delgada tem o maior número de empresas dos Açores e aqui residem estrangeiros oriundos de 70 países diferentes. Para estas escolhas, muito tem contribuído o nível de confiança que vários empresários e grupos económicos têm depositado no nosso concelho, com investimentos de muitos milhões de euros, assentes numa visão segura de que querem fazer parte da nossa história e do nosso desenvolvimento futuro", salientou o autarca.

Pedro Nascimento Cabral falava durante um jantar-debate que foi promovido pela autarquia em parceria com a SIGA - Sport Integrity Global Alliance e do qual fez parte Lord Jonathan Marland, atual Presidente do Conselho Empresarial e de Investimento da Commonwealth e membro do Conselho Consultivo da SIGA EUROPA. O Presidente da Câmara deu, por isso, nota da"construção de quatro novos hotéis em Ponta Delgada", a par de outras unidades hoteleiras em funcionamento ao longo de toda a cidade e concelho. Do mesmo modo, acrescentou, "os investimentos em alojamento locais e eco-turismo, assim como a requalificação e abertura de novos restaurantes, demonstram bem a confiança que a iniciativa privada coloca no futuro".

Pub.

Pub.

Pub.

Pub.

Médicos David Carpio e Ricardo Simões

Clínica do Bom Jesus inova na área da patologia da coluna e começou a realizar cirurgias endoscópicas no passado mês de Março

No mês de Março deste ano foi realizada a primeira cirurgia endoscópica na Clínica do Bom Jesus. Este foi o resultado da cooperação entre David Carpio, neurocirurgião, e Ricardo Simões, ortopedista, ambos complementares e habilitados para realizar esta cirurgia. No caso da cirurgia da coluna, as especialidades Neurocirurgia e a Ortopedia são complementares e estão devidamente capacitadas e autorizadas pelos respectivos colégios para exercer. Na Clínica do Bom Jesus, a equipa cirúrgica está conformada por ambas as duas especialidades o que faz com que seja mais completa e eficiente. Ao Correio dos Açores, os médicos explicaram as vantagens deste tipo de cirurgia, que tipo de pessoas estão habilitadas a ela e ainda revelaram que estão "a criar uma unidade de cirurgia de coluna multi-disciplinar".

Correio dos Açores -Quando começaram a ser realizadas cirurgias endoscópicas na Clínica do Bom Jesus?

Ricardo Simões (ortopedista) – A primeira cirurgia aconteceu no inicio de Março. Era uma utente que tinha uma hérnia discal lombar, com muita dor lombar e radicular.

Foi um bom paciente para se propor uma cirurgia minimamente evasiva, por via endoscópica. Correu tudo bem, e o doente teve alta no dia a seguir.

David Carpio (neurocirurgião) – Eu e o doutor Simões somos uma equipa. Claro que cada doente tem a sua consulta individual, mas vamos discutindo caso a caso para encontrar a melhor solução para cada paciente. Quando eu opero, o doutor Simões ajuda-me e vice-versa.

Terça-feira passada operamos mais dois pacientes. Trabalhamos com duas empresas, eu com a UNINTECH e o doutor Simões com a Joimax, mas ambas com o mesmo objectivo. A diferença entre as duas são mais a nível de instrumentos de trabalho, mas as indicações de cirurgia são semelhantes.

Como disse, operamos uma doente, com 37 anos, com uma hérnia discal a comprimir um nervo e operamos um senhor com uma hérnia na parte alta da coluna lombar. Ambas as operações ocorreram com sucesso e os pacientes tiveram alta no dia a seguir. É um tipo de cirurgia que pode ser feito em regime ambulatório, mas que na maioria das vezes os pacientes ficam internados cerca de 24 horas.

Que vantagens tem a cirurgia endoscópica em relação a uma cirurgia convencional?

David Carpio – A cirurgia endoscópica é uma cirurgia minimamente evasiva mas não esta isenta de riscos. Toda a cirurgia vai ter riscos. Na teoria, esta cirurgia tem menos riscos e tem uma evolução melhor pós-operatória para o doente pelo facto de preservar a maior parte das estruturas anatómicas, ou seja, mexe-se pouco com os músculos e em relação aos ossos faz-se uma osteotomia parcial. A cirurgia é mais focada onde está o problema.

Tem também a grande vantagem da recuperação ser mais rápida. O doente, depende da patologia que tem, deveria voltar às suas actividades quotidianas e diárias o mais rápido possível.

Ricardo Simões – As grandes vantagens são as que o doutor Carpio enumerou. É uma cirurgia que tecnicamente é exigente, tem a sua curva de aprendizagem mas na verdade os riscos cirúrgicos são menores. A incisão, o risco de haver infecções e de haver uma lesão numa estrutura neurológica são menores. E isto depois é evidenciado no pós-operatório. Do paciente tem alta mais cedo e necessita de fazer menos medicação. Normalmente, o paciente também retorna ao seu dia-a-dia mais cedo.

Normalmente quanto tempo demora um doente a recuperar de uma cirurgia endoscópica?

Os médicos Ricardo Simões (ortopedista) e David Carpio, neurocirurgião inovam na Clínica do Bom Jesus

"Operamos uma doente, com 37 anos, com uma hérnia discal a comprimir um nervo e operamos um senhor com uma hérnia na parte alta da coluna lombar. Ambas as operações ocorreram com sucesso e os pacientes tiveram alta no dia a seguir. É um tipo de cirurgia que pode ser feito em regime ambulatório..."

Ricardo Simões – Depende sempre da actividade laboral do doente. Se é um doente com uma baixa demanda funcional em termos de actividade laboral, provavelmente demora um mês a recuperar. Se for um doente que tem uma alta actividade laboral, como por exemplo pessoas que trabalham na construção civil ou condutores de pesados, o tempo será estendido por mais alguns meses. Claro que o doente é sempre reavaliado em consulta e pode sempre entrar em contacto connosco.

David Carpio – Depende também da fisionomia de cada doente. Um doente que sofra de obesidade, de depressão ou que sofra de outras doenças que envolvam dor, como por exemplo a fibromialgia, ou então que sofram de patologias degenerativas de vários níveis, e que tenham outras fontes de dor que não a que seja preciso operar, vão precisar de um pouco mais de tempo.

Mas normalmente o cliente volta sempre a fazer a sua vida dita normal em menos tempo que através da cirurgia convencional. Entre 98 a 99% das cirurgias correm sempre bem, temos sempre uma margem de erro de 1 a 2%. E quando ocorre alguma complicação, na maioria das vezes são de rápida solução. Poderá ser o caso de se fazer uma incisão maior, por exemplo, mas conseguimos sempre resolver.

Serão feitos protocolos de cooperação através da Clínica do Bom Jesus para poderem operar mais utentes?

David Carpio – Infelizmente ainda não posso dar uma resposta concreta a esta questão. O que posso afirmar é que normalmente o cliente é operado depois de ser acompanhado em consulta. E isto tanto pode acontecer aqui na clínica ou em outra instituição. Por exemplo, também dou consultas na CAL Clínica e um doente que for visto lá e precisar de cirurgia, podemos trazê-lo para cá.

No inicio será apenas através de consultas. É importante ressalvar que nem todas as patologias são tratadas através da endoscopia. Esta parte da selecção e do procedimento cirúrgico resulta do nosso trabalho conjunto e da avaliação que fazemos dos doentes.

”Estamos a criar uma unidade de cirurgia de coluna multi-disciplinar com neurocirurgia clínica”

Vai ser criada uma unidade de cirurgia de coluna multi-disciplinar na Clínica do Bom Jesus

“...Sendo uma cirurgia minimamente evasiva, que pode oferecer melhores resultados para os doentes, é normal que seja uma abordagem que seja mais procurada. Hoje em dia os doentes preocupam-se em fazer uma cirurgia que saibam que o pós-operatório será mais rápido e que poderão voltar a trabalhar mais rapidamente. Diria que tendencialmente o número de operações vai aumentar.”

Que investimento foi feito pela Clínica para se começaram a realizar este tipo de cirurgia?

David Carpio – Para a realização de cirurgia endoscópica da coluna, a clínica já possuiu alguns equipamentos. Depois as empresas com que trabalhamos conseguem nos fornecer o material que falta para a realização de alguma cirurgia mais especifica. Em termos de investimento, a clínica já tinha os recursos essenciais e os extras são suportados pelas empresas.

Então a Clínica do Bom Jesus ainda não fez investimento neste tipo de cirurgia...

Ricardo Simões – Neste tipo de cirurgia ainda não tem. Se o volume de cirurgias começar a aumentar, poderá ser algo a pensar. Poderemos ter a necessidade de ter os instrumentos específicos sempre cá, no futuro. Mas é algo que ainda não acontece.

David Carpio – Importa referir que não fazemos só cirurgias endoscópicas. Fazemos uma grande variedade de cirurgias à coluna e a Clínica do Bom Jesus já tem feito um investimento importante. Em 90% das cirurgias que realizamos, é necessário o uso de um motor e a clínica investiu num motor topo de gama que estamos a usar. Outro investimento importante foi feito num novo microscópio que é fundamental em todas as cirurgias da coluna. É importante contar com bons recursos e a clínica tem investido muito dinheiro em modernizar o bloco operatório neste sentido.

Realizaram até agora três operações. Este número pode aumentar?

Ricardo Simões – Contando com a divulgação e sendo uma cirurgia minimamente evasiva, que pode oferecer melhores resultados para os doentes, é normal que seja uma abordagem que seja mais procurada. Hoje em dia os doentes preocupam-se em fazer uma cirurgia que saibam que o pós-operatório seja mais rápido e que possam voltar a trabalhar mais rapidamente. Diria que tendencialmente o número de operações vai aumentar.

David Carpio - Também estou convencido que o número vai aumentar até porque a endoscopia não foi desenhada para uma nova patologia. São as mesmas doenças da coluna que agora se fazem com esta estratégica cirúrgica. São as mesmas hérnias que se operavam antigamente, com incisões grandes ou até mesmo com microscópio que agora se faz com a endoscopia. Os doentes são os mesmos e a patologia, especialmente a degenerativa da coluna tem afectado pessoas novas. É uma área que vai aumentar cada vez mais.

O que levou a Clínica a começar a realizar este tipo de cirurgias agora?

Ricardo Simões – É importante dizer que antes de começarmos a realizar as cirurgias endoscópicas tivemos muita formação em vários países da Europa. Também estamos em contacto com vários profissionais. Juntos temos entre 50 a 60 cirurgias feitas. Já fizemos a nossa curva de aprendizagem e estamos sempre a fazer renovação científica. É algo que já o fazemos há algum tempo e quanto mais se faz, melhores resultados tem e fazemos melhor a selecção dos doentes. Isto é algo que transmite maior segurança para o próprio doente.

Conseguirmos oferecer isto aqui na Clínica do Bom Jesus é uma mais-valia para a população.

David Carpio – A cirurgia endoscopia já existe há cerca de 20 anos, mas apenas tem evoluído com alguma velocidade nos últimos 10.

Pensamos que a população dos Açores merece uma atenção diferenciada, com menos riscos, como já foi explicado. Já existia no continente e com a Clínica do Bom Jesus é uma clínica conhecida e querida nos Açores, achamos que era mesmo necessário dar uma nova imagem no tratamento da patologia da coluna.

Que características tem um utente que se habilite a este tipo de característica?

David Carpio – Falando da obesidade, quem sofre desta patologia, normalmente, tem um maior risco nas cirurgias e acabam por ser rejeitados pela maioria dos cirurgiões.

A cirurgia endoscópica está orientada para ajudar este tipo de doentes. Este tipo de doentes tem um maior risco de infecções, uma vez que se fazem incisões muito grandes e têm uma camada de tecido gordo também grande. Este risco é minimizado.

Alguns doentes não precisam de uma grande cirurgia. Muitas vezes é preciso fazer uma descompressão selectiva de um nervo que está comprimido numa hérnia. O objectivo é atingido desta maneia em pessoas que de outra forma não seriam operadas.

Também para pessoas com outras doenças, como por exemplo cardiopatias, onde o tempo de cirurgia é importante. Com a endoscopia consegue-se reduzir, não a 100% claro, o tempo de anestesia e isto é algo importante nas cirurgias em pessoas que sofrem destas doenças. O posicionamento da marquesa também é algo que pode ser melhorado com esta técnica.

Em média, quanto tempo demoram em cada cirurgia?

Ricardo Simões – Depende sempre da quantidade de níveis que vão ser operados. Depende do tamanho do paciente e da cirurgia em si que vai ser feita. Diria que em média, cerca de 80 a 90% das cirurgias, demoraram cerca de 1h30m desde o início até ao fim. Claro que há casos que podem levar mais tempo.

David Carpio – a habilidade do cirurgião também é algo que devemos sempre de ter em conta. As características anatómicas de cada pessoa, que podem variar, também são muito importantes para o tempo que se demora a realizar a cirurgia. A variante anatómica faz com que uma cirurgia possa ser mais ou menos complicada e ser feita mais ou menos rapidamente.

Neste momento o tempo é o menos importante. O que importa é fazer uma cirurgia com menos agressividade nos tecidos e com menos taxas de complicações. Às vezes pode demorar mais do que uma cirurgia convencional mas o benefício que trás para o doente é claramente superior. O tempo não é o factor principal sem deixar de ser um factor importante.

É uma cirurgia muito dispendiosa para o utente?

David Carpio – Os custos são muito parecidos com os custos de uma cirurgia convencional. Claro que também tem o custo dos materiais descartáveis que são usados na cirurgia. E tem o custo do alugues dos instrumentos e de toda a parte técnica da cirurgia. Como mencionamos, são as próprias empresas que trazem os instrumentos para fazermos as cirurgias e tudo isto implica um custo, com o transporte e tudo o mais. Mas não faz muito diferença, especialmente se for uma cirurgia que não leva próteses ou implantes. Tem os custos muito semelhantes a uma cirurgia convencional.

Ricardo Simões – em relação ao custo queria dizer que neste tipo de cirurgia, como o tempo de internamento é menor, o custo fica reduzido. E como voltam a trabalhar mais cedo, podem começar a receber o ordenado por inteiro mais cedo. Não podemos só pensar na cirurgia. Temos também de pensar no tempo de recuperação, que acaba por ser menor. Isto é algo que também beneficia as empresas porque não perdem o seu funcionário por tanto tempo.

Têm algo mais a acrescentar?

Gostaríamos de anunciar que estamos a criar uma unidade de cirurgia de coluna multi-disciplinar. Vai envolver a presença, não de maneira permanente mas sim através de colaboração, de: neurologia clínica, fisiatria e fisioterapia, de anestesia com terapia de dor, radiologia e psicologia, uma vez que a maioria dos doentes da coluna são doentes crónicos que necessitam de acompanhamento, também, da parte psicológica.

Estamos a apostar forte para a criação desta unidade multi-disciplinar de cirurgia da coluna.

Frederico Figueiredo

Projecto "Estás ON! Informa-te, Debate e Decide" arranca nos Açores para promover a cidadania e a educação mediática

A Secretaria Regional da Juventude, Habitação e Emprego, através da Direcção Regional da Juventude (DRJ), assinalou na Sexta-feira o arranque do projecto "Estás ON! Informa-te, Debate e Decide", para promover a cidadania e a educação mediática dos jovens face aos perigos da desinformação, das *fake news* e do populismo.

Conforme explicou Maria João Carreiro, este projecto, aprovado e co-financiado pelo programa Erasmus+, vai desenvolver-se durante um ano e culminar com a criação do "Manifesto Jovem para a Informação e Literacia Mediática dos Açores".

"Vão ser desenvolvidas iniciativas de auscultação dos jovens, entre as quais um encontro nacional que além dos jovens, vai integrar académicos, jornalistas e decisores políticos na reflexão sobre os perigos que os jovens enfrentam, por um lado, e, por outro, sobre os mecanismos para promover o pensamento crítico dos jovens para questionar, analisar e avaliar a informação", acrescentou.

Maria João Carreiro falava na Escola Secundária Domingos Rebelo, em Ponta Delgada, durante a abertura de uma sessão de sensibilização dos jovens para a importância das Eleições Europeias do próximo mês de Junho, integrada no *roadshow* nacional que está a ser promovido pela Agência Nacional Erasmus +.

Maria João Carreiro apresentou o projecto financiado pelo 'ERASMUS? para uma plateia cheia de jovens

"O Governo dos Açores acolhe o desafio da participação e da cidadania activa dos jovens não como uma problemática, mas como uma oportunidade", afirmou, para sublinhar que foi este entendimento do Executivo que levou à construção do Plano Regional para a Literacia e Participação Democrática Jovem – DemocraciAZ.

"Acreditamos que os Açores oferecem todas as condições para ser uma referência em termos de participação e de cidadania activa jovem. Através do DemocraciAZ e de outros projectos e iniciativas, como o 'Estás ON!' estamos a procurar estimular o interesse cada vez maior na participação dos jovens na vida pública", defendeu.

A titular da pasta da Juventude assinalou, ainda, o facto de a sessão de esclarecimento promovida pela Agência Nacional Erasmus + e do arranque do projecto "Estás ON!" acontecer durante a Semana Europeia da Juventude, que envolveu mais de 100 participantes de diferentes ilhas na iniciativa Euroclasses".

O "executor" da Lei Portuguesa

Por Judith Teodoro

O artigo 2080º do Código Civil, vem elencar a ordem a quem incumbe o cargo de cabeça de casal, e entre os quais, encontram-se os herdeiros legais e que em igualdade de circunstâncias prefere o filho mais velho.

De entre os parentes que sejam herdeiros legais, preferem os mais próximos em grau.

De entre os herdeiros legais do mesmo grau de parentesco, ou de entre os herdeiros testamentários, preferem os que viviam com o falecido há pelo menos um ano à data

da morte. Em igualdade de circunstâncias, prefere o herdeiro mais velho. Admite-se que, por acordo de todos os herdeiros, seja nomeada outra pessoa qualquer para exercer tal cargo, tal possibilidade encontra-se prevista no 2084.º do Código Civil. O cargo de cabeça de casal pode ser entregue a incapaz, exercendo nesse caso as respetivas funções o seu representante legal.

A designação do cabeça-de-casal está sujeita a uma ordem ou escala de preferências. A remoção do exercício do cargo para que foi nomeado, assenta genericamente na falta de qualidades necessárias, da pessoa investida nesse cargo, para o preenchimento da função que lhe foi confiada. Tanto a escusa, como a remoção, e bem assim a impugnação da competência do cabeça-de-casal, além de obedecerem a uma finalidade ou preocupação comum – a de que, em cada, momento, esteja provido no cargo de cabeça-de-casal, a pessoa dotada das qualidades exigidas para o exercício das funções correspondentes - produzem, caso procedam, um mesmo efeito – a substituição do cabeça-de-casal.

Com frequência, no âmbito de processos de inventário, o cabeça de casal nomeado, vem pedir a escusa, a remoção ou outros herdeiros vêm impugnar essas competências invocando, fundamentos como a ausência de condições de saúde e pessoais para exercer tal cargo, que não são muitas vezes atendíveis em Juízo. E isto, porque, o que é alegado é considerado como insuficiente para afastar o cabeça-de casal das funções para que foi nomeado, uma vez que, não foram alegados factos concretos que fundamentam esse pedido de remoção, escusa, impugnação do exercício das funções do cabeça de casal, nos termos do disposto nos artigos 5.º, n.º 1, 6.º, n.º 1 e 7.º, n.º 2 do CPC e artigo 2086.º, n. os 1 e 2 do Código Civil.

Quando o pedido dos nomeados para exercerem as funções de cabeça de casal, de escusa do cargo ou até mesmo remoção do cargo, sejam atendíveis, cabe ao tribunal, oficiosamente ou a requerimento de qualquer interessado, proceder à designação do cabeça-de-casal, nos termos do disposto no artigo 2083.º do Código Civil.

Em regra, o cabeça de casal tem, poderes de mera administração. Tem, contudo, diversos encargos, que será o caso dos encargos com o funeral e sufrágios do autor da sucessão e, além disto, as despesas resultantes da própria administração da herança. A forma do cabeça de casal financiar essas despesas encontra-se prevista no artigo 2090.º do Código Civil, onde dá-lhe a possibilidade de alienar frutos e certos bens deterioráveis da herança.

Paulo Nascimento Cabral confirmado como candidato da AD/Açores às eleições europeias

O Conselho Regional aprovou, por unanimidade, a proposta da Comissão Política Regional de marcar a eleição directa do Presidente do PSD/Açores para 20 de Julho de 2024 e o 26.º Congresso Regional para os dias 20, 21 e 22 de Setembro de 2024, na ilha de São Miguel. O Conselho Regional ratificou, por unanimidade, a proposta do Presidente do PSD/Açores, aprovada de forma unânime pela Comissão Política Regional, de indicar Paulo do Nascimento Cabral como candidato pelos Açores para a lista nacional da AD – Aliança Democrática às eleições europeias.

André Franqueira Rodrigues candidato do PS/Açores ao Parlamento Europeu

A Comissão Regional do PS/Açores aprovou Sexta-feira André Franqueira Rodrigues como candidato indicado pelos Açores para a lista nacional do Partido Socialista às eleições Europeias do próximo dia 9 de Junho.

André Franqueira Rodrigues, eleito com uma ampla maioria de 75% dos votos em Comissão Regional afirmou, após a sua eleição, encarar este desafio "com uma enorme honra e um grande sentido de responsabilidade em representação do PS/Açores".

André Franqueira Rodrigues tem 47 anos, é deputado à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores e Vice-presidente do Grupo Parlamentar do PS.

A Comissão Regional aprovou ainda, por unanimidade, a data de 29 de junho deste ano para a eleição do Presidente do PS/Açores e a realização do XIX Congresso ordinário do PS/Açores entre os dias 27 e 29 de Setembro, na ilha de São Miguel.

O líder do PSD/Açores, Vasco Cordeiro realçou que André Franqueira Rodrigues é "um candidato jovem" que, pelas suas qualidades pessoais e políticas, "muito tem a dar para na defesa dos Açores no Parlamento Europeu".

"André Franqueira Rodrigues tem uma grande competência e um excelente conhecimento da nossa realidade regional, fruto das diversas funções que já desempenhou", sublinhou o Presidente do PS/Açores.

Vasco Cordeiro afirmou ter, do Secretário-Geral do PS, Pedro Nuno Santos, a "garantia de que o candidato indicado pelos Açores irá em lugar elegível na lista de candidatos às eleições Europeias do próximo dia 9 de Junho".

ALA congratula-se com decisão de adiamento da aplicação de taxa turística em São Miguel

A Associação do Alojamento Local dos Açores (ALA) congratula-se com a decisão da Associação de Municípios de São Miguel (AMISM) de adiar, por agora, a implementação de uma taxa turística de 2 € em cada concelho da ilha.

A Direcção da ALA entende que esta é, para já, a decisão (aprovada por unanimidade) mais ponderada, tendo em conta que se torna necessário preparar, com tempo, todo o processo, ouvindo todos os intervenientes no sector. De qualquer forma, a ALA continua a defender que não há qualquer necessidade de existência de uma taxa turística.

Ainda na passada Quinta-feira, o Presidente da ALA teve oportunidade de manifestar-se contra a criação de taxas turísticas nos municípios açorianos, nomeadamente nos municípios de São Miguel.

Para o Presidente da Associação de Alojamento Local, a denominação "Taxa Turística", por si só, é prejudicial para os concelhos micaelenses. Intervindo na Assembleia Municipal da Ribeira Grande, na noite de quinta-feira, João Pinheiro recordou que o conceito de taxa turística foi criado "para centros urbanos que já estavam massificados, como Veneza ou Barcelona".

Para o dirigente da ALA, "só a ideia de taxa turística aplicada em São Miguel já assusta o turista, que fica com a ideia de que este destino já massificado e a evitar, o que, de facto, não é verdade".

"Ainda não somos turismo massificado, nem há tendência para tal, porque o investimento privado tem sido feito de forma que haja turismo em todas as zonas, não massificando apenas uma. O crescimento a que assistimos agora, no Alojamento Local é, actualmente, muito mais lento, não sendo tão grande como foi no *boom* turístico de há alguns anos", disse.

Além disso, "a taxa turística pode fazer com que se perca crescimento turístico e económico", referiu João Pinheiro, acrescentando que "os proprietários dos AL já se vêem a braços com o excesso de burocracia. Colocar mais uma burocracia numa actividade como esta será ainda mais prejudicial", já que caberá aos alojamentos tratar da cobrança da taxa.

O Presidente da ALA apelou a uma reflexão grande e profunda acerca deste tema, antes da implementação de uma taxa desta natureza, já que "este não é o momento para criar uma taxa turística", sendo que a decisão da AMISM, conhecida na tarde de sexta-feira, vem ao encontro das pretensões da ALA. João Pinheiro entende, aliás, que "Não é preciso criar uma taxa turística. Tem de haver uma reflexão grande sobre este tema. Temos de ser mais criativos".

Campeonato de Futebol dos Açores

Operário pode fazer hoje a festa

O Operário está a uma vitória de vencer a presente edição do Campeonato de Futebol dos Açores, que poderá acontecer já hoje, frente ao Angrense, em jogo da 17.ª jornada (penúltima), que principia às 15h00, no Campo João Gualberto Borges Arruda, na Lagoa.

Já o JD Lajense, segundo classificado, a pensar na matemática e a torcer que os "fabris "percam" vai tentar vencer o São Roque, em São Miguel.

Programa da 17.ª jornada: Guadalupe – Vitória do Pico da Pedra (13h00), Praiense – Urzelinense (15h00), São Roque – JD Lajense (15h00), União Micaelense – Benfica Águia (15h00) e Operário – Angrense (15h00).

Foto "O LEÃO DO ATLÂNTICO"

Classificação: 1.º Operário, 41 pontos; 2.º JD Lajense, 36; 3.º Angrense, 33; 4.º Guadalupe, 27; 5.º SC Praiense, 26; 6.º São Roque, 22; 7.º Vitória P. Pedra, 16; 8.º União Micaelense, 14; 9.º FC Urzelinense, 5; 10.º Benfica Águia, 4 pontos.

Lusitânia começa a disputar o apuramento de subida

No Campeonato de Portugal, o Lusitânia começa hoje a disputar a 2.ª Fase, na Série 2 de apuramento de subida, diante do Moncarapachense, que na Série D foi segundo classificado, imediatamente atrás do líder Vitória FC (Setúbal).

Já o Lusitânia, recorde-se, foi segundo na Série C, atrás do União de Santarém, numa competição que viu o Fontinhas, Rabo de Peixe desceram ao Campeonato de Futebol dos Açores.

O jogo no Campo de Jogos de São Mateus da Calheta, em Angra do Heroísmo, principia às 15h00 (hora dos Açores).

Ainda hoje joga-se o Vitória FC – União de Santarém, à mesma hora.

Opinião

Continuidade contra a corrente

A continuidade de Luís Carlos Couto como Director Regional do Desporto não é consensual. A aceitação que teve em Dezembro de 2020 dissipou-se pelo método como desenvolveu vários processos.

Houve pressões originárias de algumas Associações para ser apresentada uma alternativa. Decorreram conversas para a nomeação de um elemento com capacidades de desenvolver um trabalho eficiente, com a visão de os Açores terem um desporto moderno, através de regras e de alterações adaptadas ao momento.

Alguns nomes foram estudados e falados nos meandros do desporto. Nenhum acabou por ser indigitado e nomeado. Os que integram os quadros da Direcção Regional do Desporto com competência e conhecimentos para o cargo, como são João Ávila e Hélio Ormonde, não foram sequer equacionados por, ao que me informaram, serem de outra cor política, o que me incomoda quando esta questão é determinante.

O relacionamento com as Associações de Futebol ficou e deve continuar inquinado pela forma como se dirigiu à Federação Portuguesa de Futebol (FPF) e aos presidentes associativos em Janeiro de 2023, nas comemorações dos 100 anos do Angústias Atlético Clube, da Horta. Disse uma verdade penalizada quando proferida em público pelo cargo que desempenha: "a FPF tem 100 milhões de euros de orçamento e a Direção Regional 10 milhões. Se levasse um avião a menos com os presidentes das Associações para irem ao Catar assistir a um jogo do "mundial", haveria dinheiro para ajudar o clube a colocar o relvado sintético no seu campo".

As Associações dos Açores classificaram de "descabidas, infelizes, injustificáveis e de incontinência verbal" as declarações. Robert Câmara, líder da AF Ponta Delgada e porta-voz das Associações, foi mais longe ao afirmar que estando, há um ano, o Governo a meio do mandato, ainda não tinha promovido as mudanças prometidas para o desporto, "até pelo contrário, temos dificuldade em perceber para onde querem caminhar".

Aquelas declarações obrigaram o então secretário da Saúde, Clélio Meneses, a proteger Luís Couto, que, através de carta interna ao presidente federativo, apresentou desculpas.

Além dos aspectos relacionados com o caminho a percorrer visando o progresso da actividade física, das modalidades que devem ser prioritárias e de uma renovada e direccionada meta para a alta competição, há a necessidade da urgente requalificação de muitos pavilhões escolares que servem alunos e a comunidade. Foi uma herança pesada porque não houve, nos anos dos governos socialistas, a preocupação de elaborarem planos de manutenção.

Umas das prioridades é de o desporto inserir-se no combate ao elevado número de jovens que consomem drogas. Eles estão nas várias equipas. Muitos, mas mesmo muitos, abandonam porque o vício está enraizado.

Há sempre a expectativa de alteração de política desportiva. Mesmo sem mudar de director. É o que o desporto destas ilhas espera.

PAULETA EMPUNHOU A TAÇA DE CAMPEÃO de Espanha 24 anos depois. De forma inesperada. Numa deslocação com carácter privado à Corunha, onde não ia há 14 anos, foi rapidamente identificado. Foram dois anos naquela cidade ao serviço do Deportivo. Uma passagem, a exemplo das outras, deixando cartel. Em 79 jogos oficiais marcou 22 golos, com as conquistas do único título de campeão espanhol do clube, em 1999/2000, e contribuindo para o Depor ser o vencedor da SuperCopa ante o Espanhol. Jogou na época seguinte, a 20 de Agosto de 2000, os primeiros 56 minutos da primeira "mão" dos desafios entre o campeão e o vencedor da Copa del Rey, que terminou, em Barcelona, empatado a zero. Já não alinhou na segunda partida, uma semana depois, na Galiza, por se ter transferido para o Bordéus. Ganhou o Depor por 2-0.

A informação da presença de Pedro Pauleta na Corunha chegou aos responsáveis pelo Depor. Foi convidado a visitar as instalações, que surpreenderam o internacional português pelas alterações ocorridas nas estruturas. O estádio foi remodelado para satisfazer os requisitos actuais. Desde as bancadas até às áreas dos balneários. Foi construído um centro de treinos com sete campos.

A outra parte da visita foi direccionada para a sala dos troféus. A oportunidade de Pauleta ver e ter contacto com as taças que ajudou a conquistar. É que em Espanha a entrega do troféu do título maior é feita na época seguinte e quando o Depor recebeu o da SuperCopa o ex-jogador micaelense já estava em França.

Foto Desportivo da Corunha

Pauleta, com a camisola do Depor vestida, tirou várias fotos com a taça de campeão. O eco da presença nas instalações do clube foi de tal ordem que recebeu 4 051 gostos em poucos minutos na página oficial e deu uma longa entrevista ao jornal Voz da Galiza recordando as épocas de oiro do clube.

O Depor deslizou para o fundo ao ponto de hoje disputar o campeonato da Primeira Divisão da Real Federação Espanhola de Futebol. Lidera a série 1 a 6 jogos do fim. Estar num campeonato equivalente à Terceira Divisão nacional não impede de a média de espectadores no estádio Riazor ser de 27 mil adeptos.

AINDA SE TREINA em Portugal pistas de terra batida e mal conservadas. Não é ficção. Não é dos anos 70. É actual. A foto ilustra um destes treinos.

Direitos reservados

O grupo de 15 jovens atletas do Centro Recreativo Alturense, da freguesia algarvia de Altura, reúne-se três vezes por semana nos corredores de uma suposta pista de atletismo em redor do há mais de 20 anos desactivado campo de futebol.

O entusiasmo de Armando Caiadas, com uma vida dedicada ao atletismo na pequena freguesia do concelho de Castro Marim, mantém viva a prática desportiva para um grupo maioritariamente composto por raparigas, já que os rapazes não têm comparecido na mesma proporção.

Caiadas treina naquelas condições há muitos anos. Leva os atletas duas vezes por semana à pista do complexo internacional de Vila Real de Santo António, situada a 8 quilómetros.

Os resultados na pista não são os desejáveis. Pudera! Em contrapartida, no corta mato as jovens atletas têm obtido pódios.

Quando, por cá, reclamamos por pistas com mais corredores, melhor apetrechadas, há quem, apenas com pequenos apoios do clube e dos familiares, treine como os nossos atletas começaram há 40 anos em redor e no campo de jogos da escola Antero de Quental e mais tarde no Estádio de São Miguel.

José Silva

Crónica da Madeira

Marta e Carlos a Madeira estar-vos-á grata por terem feito do Ballet uma dádiva de amor aos madeirenses

Por: João Carlos Abreu

"Nestes tempos de incertezas, os gestos solitários e solidários do bailarino são um convite e um apelo a uma nova aliança da cultura e da natureza, do indivíduo e da sociedade, do passado e do futuro."

Passaram-se mais de cinquenta anos do dia em que encontrei o Carlos Fernandes e a Martha Ataíde, deles me apaixonei atraído pela dança: dois dos melhores bailarinos da Companhia de Bailado da Fundação Gulbenkian. Desde muito novo que o ballet, como expressão de arte, chamou-me a atenção, talvez porque encontrei na linguagem corporal o discurso da beleza, salvadora do mundo. Razão que me levou, quando cheguei a Roma, onde me fixei, procurar nos programas culturais os espetáculos de ballet. Assim pude ver, ao vivo, as duas maiores estrelas do bailado mundial: Margot Fonteyn e Rudolph Nureyev.

Martha Ataíde e Carlos Fernandes são portadores de currículos que atestam da alta qualidade e profissionalismo que bem caracterizam o êxito das suas carreiras. Eles sempre viveram para a dança e sempre procuraram enriquecer os seus conhecimentos. Como todos os bons bailarinos, passaram horas, de manhã à noite, a ensaiarem, conscientes de que só dedicando muitas horas à dança, com persistência e tenacidade, atingiriam a meta dos seus sonhos. Percorreram o mundo como bailarinos da Companhia Gulbenkian. Frequentaram as melhores escolas de bailado em Londres. Viveram intensamente as suas carreiras e dessas fizeram laços de amizades. Com esses, internacionalizaram-se.

Quando o Carlos Fernandes se reformou, fê-lo na posição de diretor de cena da Companhia Gulbenkian. Apesar dos êxitos, dos prémios, ele não deixou nunca de ser madeirense. Preso à ilha por razões familiares e pelo sonho que alimentou durante toda a vida: abrir uma escola de bailado, na sua terra natal. Sonho coadjuvado pela bailarina, sua mulher, Martha Ataíde. Conhecendo este seu desejo, fui ao seu encontro a fim de convidá-lo a concretizar o seu sonho. Antes, porém, falei, ao Presidente Alberto João Jardim, no projeto e no que representava como uma mais-valia no contexto da nossa autonomia. Ele concordou. Sugeri-lhe, para dar mais força ao convite, que recebesse o bailarino, o que aconteceu, daí a dois dias.

Sendo Secretário do Turismo e Cultura, regozijei com a ideia: crianças e jovens madeirenses, a par de outras instituições de cultura, poderiam frequentar também a escola de bailado, justamente dirigida por dois bailarinos, conhecedores profundos do *métier*. Ninguém melhor do que eles, frequentadores assíduos das escolas londrinas, para ensinar uma das mais belas expressões artísticas.

Decidida e autorizada, pelo governo, a abertura da Escola de Bailado Carlos Fernandes, era necessário encontrar, no centro do Funchal, instalações adequadas. Depois de terem sido visitados muitos edifícios, finalmente surgiram as instalações que melhor se adaptavam à concretização do projeto: uma antiga fábrica de farinha, na rua Latino Coelho.

Isto passou-se há quarenta anos. Durante este longo período, frequentaram a escola, centenas e centenas de alunos, tendo como diretora artística a bailarina, coreógrafa e figurinista Martha Ataíde, que, com seu marido, imprimiram grande qualidade àquele estabelecimento de ensino. Entre as muitas iniciativas da escola, destacam-se os vários espetáculos levados à cena, entre outros: Coppélia, Petrushka, Cinderella, Quebra-Nozes, Bayadère, Branca de Neve, Giselle. Todos coreografados e com figurinos da categorizada bailarina e diretora artística. O público não poupou nunca os seus aplausos e elogios, bem merecidos pelo trabalho notável realizado.

Carlos Fernandes preparando um bailado

Martha Ataíde frequentou, como aluna, durante anos e anos, a Companhia Royal de Ballet de Londres, com a qual fez várias digressões, e, simultaneamente, teve aulas particulares com duas conhecidas Mestras do bailado internacional: a Audrey de Vos ea Eileen Ward, ambas inglesas. Mais tarde, Martha Ataíde vai, como professora, dar aulas de dança espanhola, na capital inglesa. Trabalhou com coreógrafos de todo o mundo: Léonide Massine do Ballet Russo, Walter Gore, John Auld, SergeLifar, Roland Casenave, Birgit Culberg, Jorge Garcia, etc. Foi ensaiadora do Ballet Gulbenkian entre 1973 e 1987; de 1985 a 2006, esteve à frente da sua escola de bailado, em Lisboa. Organizou e lecionou, com Carlos Fernandes, os Cursos de Verão Internacionais de Dança da Madeira. Em 1990, a Escola do Bolshoi convida-a para fazer parte do júri dos exames finais. Para o projeto "Lisboa 94 – Capital Europeia da Cultura" coreografou e dançou nas Óperas Carmen e La Traviata. Organizou durante dez anos os Cursos Internacionais de Dança e Teatro, no Centro Cultural de Belém, em Lisboa. Nos 500 anos da Cidade do Funchal coreografou e dançou nas Sevilhanas, com a colaboração da Orquestra Clássica da Madeira.

Carlos Fernandes é natural do Funchal, foi aluno do curso especial do Grupo Experimental de Ballet, dirigido por Norman Dixon, onde passou a trabalhar depois como profissional. Em 1966, foi elevado à categoria de solista. Em 1968, recebeu o prémio da Casa de Imprensa como melhor bailarino de caráter. Dançou como partenaire de Paula Hinton, num espetáculo para Isabel II, de Inglaterra. Estudou e trabalhou com coreógrafos de renome internacional. Em 1974, estreou-se como coreógrafo. Desempenhou as funções de diretor de cena, especialidade que o leva a Londres para um estágio no Scottish Ballet e no London Festival Ballet. Criou obras para os diversos estúdios coreográficos da Fundação Gulbenkian. É também autor do bailado Touro Selvagem. Foi organizador dos Cursos de Dança Internacionais de Verão da Madeira 80/81/82, coroados de grande sucesso, com a presença de alunos de diferentes países.

Na comemoração dos 20 anos da fundação da Escola de Bailado cria a Companhia de Dança da Madeira que realiza alguns espetáculos.

O sonho de Carlos Fernandes era de ter feito desta Companhia um veículo de promoção da Madeira, internacionalizando-a. Teria sido fácil, uma vez que ele, como diretor de cena, tinha as ligações certas com as várias companhias e empresários, que naturalmente pagariam os cachés negociados. Era só necessário um investimento inicial.Depois, a companhia pagava-se a si própria. Levei a proposta ao governo e, por qualquer razão, não me deu autorização. Antes, tinha encontrado no aeroporto de Paris, o coreógrafo John Auld, com quem conversei sobre o assunto. Nessa ocasião, tinha sido criada a Companhia de Ballet do Mónaco.Ele disse-me: é pena que a Madeira não tenha apoiado o Carlos na iniciativa da internacionalização da Companhia de Bailado. Teria sido um excelente meio de divulgação da Região da Madeira. Não se esqueça do que lhe vou dizer: a Companhia do Mónaco, é ainda praticamente desconhecida. É fraca, mas verá,não serão necessários muitos anos para se tornar famosa e requisitada pelos empresários. Hoje, a Companhia do Mónaco faz digressões pelo mundo, promovendo o principado como local de cultura e turismo. Tinha razão John Auld.

Na realidade, lamento que não tenhamos apoiado a criação da Companhia de Bailado, possibilitando a sua internacionalização, o que teria sido um excelente meio de promoção da Madeira.

Após quarenta anos de lutas, sucessos, sonhos e tantas concretizações de projetos dos bailarinos, Carlos Fernandes e Martha Ataíde, depois de um trabalho gigantesco que os envolveu em despesas avultadas, dos seus patrimónios pessoais, eles estão, neste momento, a encerrar a escola. Encerramento causado pela canalhice de um seu antigo aluno em que, tanto o Carlos como a Martha confiavam cegamente, se apoderou da mesma. A Escola de Bailado Carlos Fernandes já não existe, infelizmente, mas ela viverá na memória de muitos dos antigos alunos que sempre a recordarão com saudade e gratidão, que sempre admirarão os dois notáveis bailarinos, seus fundadores, que muito deram das suas sensibilidades, talentos, criatividade e profissionalismo, à dança em Portugal.

Na Madeira foram pioneiros: introduziram o ballet, dando a oportunidade, a tantas crianças e jovens de se iniciarem nesta expressão artística. Eu sempre lhes reconheci o seu trabalho, porque sempre os compreendi. Eles trouxeram à Madeira uma plêiade de bons bailarinos e criaram, a muitos madeirenses, o prazer e o interesse pelo ballet. Tenho-os acompanhado, nestes dias, com uma certa tristeza, ao esvaziar das instalações: malas cheias de adereços, de um guarda-roupa tão variado e riquíssimo, acumulado nestes quarenta anos, caixas de bijuteria, cenários, álbuns de fotografias, etc. Tem sido uma azáfama, com grupos de operários a desmontar e arrumar, um património que faz parte das histórias da escola e dos seus fundadores. Lá ficarão os espelhos, as mesas, as cadeiras e as barras e o vazio dos olhares que tão entusiasticamente deram vida a um projeto que enriqueceu a Madeira humana e artisticamente.

Este texto é a gratidão de um amigo que vos admira muito e, ao mesmo tempo, a sua homenagem aos extraordinários bailarinos: Martha e Carlos.

Um dia a Martha referiu-me um pensamento de Paul Guth, que tanto me tocou. Com ele termino este meu texto:

"A dança é a mais completa e a mais comovente de todas as artes. É o teatro do corpo, onde este, ao mesmo tempo, constitui o cenário, a ação e o protagonista. Dançar é pôr em causa a própria vida. (…) E, no entanto, a dança é a mais íntima união do espírito e do corpo. Ela é o espírito que dança por intermédio do corpo transformado em fogo…".

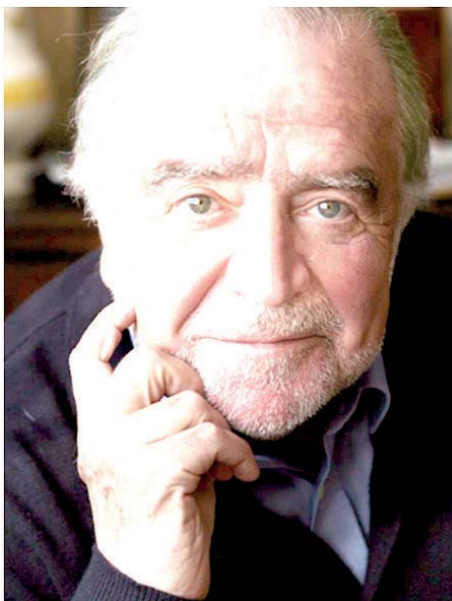
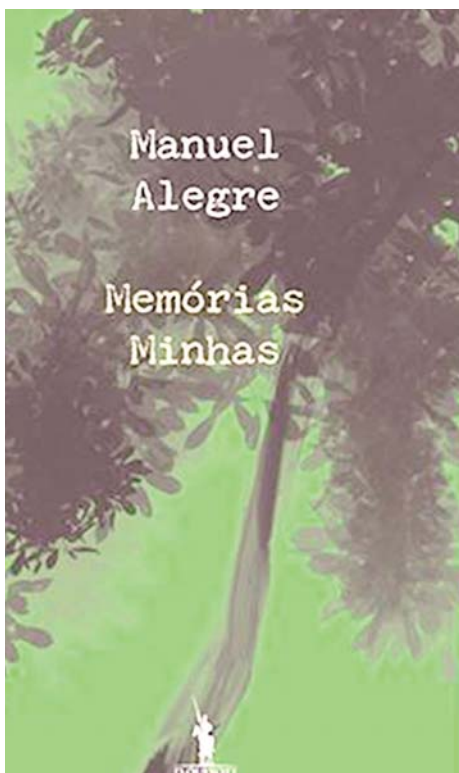
Manuel Alegre em S. Miguel, no Inverno de 1961 e Primavera de 1962

Por: Mário Beja Santos

Uma leitura esplendente, retalhos da peregrinação, trabalho da memória sem rede, nada se vai buscar a diários (que não existem), quando muito a depoimentos alheios, que ajudam a clarificar factos, lugares e situações. Sempre questionei o que leva o bardo a socorrer-se (com ou sem alegoria) de uma ilha ou ilhas na sua épica lírica, dirá mesmo num dos seus livros (Vinte Poemas para Camões, 1992) "Cada texto é uma ilha onde o autor/ persegue como ninfas as palavras". É quase um cânone na literatura memorial trazer à cena os ancestrais e com que fôlego e orgulho dessa genealogia ele nos fala de um martírio em plenas lutas liberais; temos a escola, o crescer no Estado Novo, "cada um no seu lugar", a estadia em Lisboa, depois o Porto, chegou a hora de ingressar na Coimbra do Choupal, a poesia começa a ferver-lhe no sangue, e ferver com fervor, as suas considerações sobre o Romancero Gitano, de García Lorca, é pirotecnia insuperável:

"Trata-se de uma obra de vanguarda, uma revolução da linguagem através da reinvenção dos romanceiros, com uma riqueza metafórica extraordinária. É o que há naquele livro, uma energia, um ímpeto mágico que lhe dá uma dimensão universal como poucos livros de poesia moderna conseguiram. Não só por Lorca ter sido fuzilado, mas por ser poesia em estado puro. Antes dessa tragédia, já o Romancero Gitano andava a dar a volta ao mundo. As castanholas e as guitarras estão dentro das palavras, as facas brilham, os cavalos galopam nas estrofes, a lua tem uma lâmina cravada e escorre sangue, o vento é verde, há uma tribo de ciganos no romance sonâmbulo, de repente todos os rimances estão neste romance, que é da luz, é certo, mas também outra Espanha recriada por uma linguagem poética nunca vista."

E há a vivência de Alegre no movimento associativo, o teatro, a campanha de Humberto Delgado, as eleições académicas, os confrontos entre a esquerda e a direita são diretos e rigorosos. E chegou a hora de partir para Mafra, mais adiante deram-lhe uma guia de marcha para o Batalhão Independente de Infantaria nº18, nos Arrifes, qualquer coisa como a sete quilómetros de Ponta Delgada, ele vai descrever a sua estadia.

"Aluguei um quarto numa casa que recebia militares e funcionários. Jantava numa pensão de cujo nome já não me lembro. Era dezembro. Noites frias. Não conhecia ninguém. Trazia comigo a agitação da luta estudantil, os momentos de festa, tinha uma namorada nova, não me lembro de nada tão triste como esses jantares solitários, seguidos de um breve passeio pelas ruas desertas de Ponta Delgada. Era quase um exílio." E descreve a sua vida nos Arrifes: "Manhã cedo vinha um jipe buscar-me para o quartel que ficava nos Arrifes, lá no alto, por assim dizer dentro das nuvens. Ao princípio não entendia os recrutas, quase todos de origem rural e do interior da Ilha; acho que eles também não percebiam o que eu lhe dizia. Um dos furriéis fazia de intérprete. A pouco e pouco começámos a decifrar-nos numa língua que era e não era a mesma. Havia um ambiente de maior descompressão do que no continente, pelo menos entre os oficiais, embora todos se queixassem de a sociedade local ser muito fechada e pouco recetiva em relação aos militares." Descreve algo que podia ter chegado a um levantamento de rancho, tudo acabou em bem, vai ao cinema em Ponta Delgada e conversa com Ernesto Melo Antunes.

Manuel Alegre

A solidão era bem difícil de combater, sentia-se ali como um deportado. "Lia, escrevia, comecei ali a rabiscar os primeiros versos em que se falava do País de Abril. Por acaso, ou talvez não, pouco depois de conhecer aquele capitão viria a ser redator do programa da Revolução de Abril. Talvez Rimbaud tivesse razão e, mesmo para quem não tem o dom do seu génio, a poesia seja sempre uma vidência. Talvez, à minha pequena escala, também eu estivesse a tentar reinventar a cor das vogais. Mesmo durante a instrução andava com versos na cabeça. Experimentava novos temas, novas rimas, novos ritmos. Estava a começar, sem saber, Praça da Canção."

E toma a decisão de se casar com Isabel, esta chegou no Funchal. "Trazia as alianças, enfiámo-las nos dedos ainda no cais e partimos para o Hotel das Furnas. Passada a breve lua-de-mel, fomos viver para São Gonçalo, uma moradia para oficiais, nos arredores de Ponta Delgada."

Estabelece novas relações, entre elas António Borges Coutinho, segundo filho do Marquês da Praia e principal figura da oposição antissalazarista em São Miguel, deixa dele uma água-forte muito impressiva:

"Foi uma das amizades fortes da minha vida. Com ele e sua mulher, Conceição. Vivam no Palácio Praia, embora ele estivesse de más relações com o pai. Era um casa singularíssimo. Ele, um aristocrata sergiano e antifascista, leitor de jornais e revistas de esquerda ingleses e americanos. Ela, uma passionária. Quando o António (dizíamos Toni) esteve preso pela PIDE na cadeia local, Conceição atravessava as ruas da cidade com um carrinho de mão onde transportava uma enxerga. Para que se visse e soubesse. Por vezes o Toni ia ao clube da terra, de estilo inglês. Sempre que via um amigo a tomar um copo com o inspetor da PIDE dirigia-se a ele aos berros: Tu não tens vergonha de beber com este gajo?

O espírito de casta das velhas famílias de Ponta Delgada, por mais contraditório que pareça, ainda permitia ousadias destas a um filho de marquês, apesar de ser um eterno suspeito de atividades subversivas."

A ele e aos seus amigos deu-lhes para formar uma Junta da Ação Patriótica, eles tinham chegado à conclusão que a maior parte dos oficiais, quer os do quadro, quer os milicianos, tinham sido enviados para Ponta Delgada ora por suspeita de participação na chamada Revolta da Sé (major Pastor Fernandes e tenente-coronel Alvarenga) ora por ligação a pessoas envolvidas no assalto ao Quartel de Beja, ora por participação direta em atividades da oposição (Melo Antunes), ora por ação direta no movimento estudantil." Ainda se sonhou num golpe revolucionário para tomar a ilha. Mais adiante, quebrada a ilusão, foi noticiada a visita do Presidente da República aos Açores no mês de julho de 1962. Produziram panfletos em grande profusão, entravam nas povoações a horas mortas, enviavam os papéis por debaixo das portas ou nas caixas do correio, deu escândalo. "A PIDE teria dito ao Governador que era preciso agir e o Governador teria respondido que não podia prender 90% dos seus oficiais. Há sempre outra solução. Guias de marcha, ala para a guerra. O primeiro fui eu. Recebi ordem para me apresentar no Depósito Geral de Adidos, em Lisboa, a fim de seguir para a Angola. Dias muito tristes. Custou muito deixar aquela cidade a que, no princípio, tinha sido tão difícil adaptarme. Ainda nos juntávamos à noite. Mas estávamos todos como que entupidos. Um nó na garganta. Tinham sido tempos muito intensos, com amigos como seria difícil encontrar assim."

O leitor que se prepare para uma viagem avassaladora, Alegre partirá para Angola, combate, é preso, regressa, foge a salto, conhece Argel e Paris, são dez anos de exílio, regressa a 2 de maio a Portugal, já era então muito conhecido pelos seus primeiros livros, já tinha produzido aquele que é indiscutivelmente o mais belo poema de toda a literatura de guerra colonial, Nambuangongo, Meu Amor. Para que conste. É uma viagem avassaladora e uma gema literária da literatura memorial, estas Memórias Minhas.

Futebol Fem: Sporting x Benfica - Taça De Portugal - RTP1

Vai Ou Racha - TVI

RTP Açores

02:00 Janela Global T5 - Ep. 14
02:30 Atlântida Açores T23 - Ep. 8
04:00 Telejornal Açores
04:36 Portugal Fenomenal - Ep. 11
05:21 Visita Guiada T8 - Ep. 23
05:56 Mundo Sem Muros T8 - Ep. 11
06:47 Hora Dos Portugueses T10 - Ep. 15
07:24 Volta Ao Mundo Em Cem Livros - Ep. 66
07:30 Zig Zag T21 - Ep. 197
07:45 Zig Zag T21 - Ep. 198
08:00 Zig Zag T21 - Ep. 199
08:16 Aconteceu Mesmo! - Ep. 14
08:23 No Mundo Dos Animais T1 - Ep. 3
08:36 Rumos T15 - Ep. 15
09:05 Todas As Palavras T8 - Ep. 49
09:30 Eucaristia Dominical
10:25 Biosfera T21 - Ep. 26
10:52 Terra 4.0 T4 - Ep. 22
11:00 RTP3 / RTP Açores
16:00 Notícias Do Atlântico - Açores
16:30 Consulta Externa - Ep. 8
17:08 Cá Por Casa Com Herman José T10 - Ep. 24
18:23 De Cá Pra Lá T3 - Ep. 2
19:26 Vira E Volta - Ep. 2
20:00 Telejornal Açores
20:33 Reservas Da Biosfera Portugal T1 - Ep. 5
20:40 Fronteira Politica - Ep. 3
21:10 Tech 3 T5 - Ep. 40
21:18 Teledesporto - Ep. 16
22:25 Cuba Libre - Ep. 4

RTP1

01:15 Janela Indiscreta T16 - Ep. 16
02:09 Malika - A Rainha Leoa - Ep. 1
02:53 Basquetebol: Melhores Momentos - Ep. 9
02:54 Televendas
04:39 Todas as Palavras T9 - Ep. 14
05:00 Zig Zag
07:00 Bom Dia Portugal Fim de Semana
09:30 Eucaristia Dominical
10:30 A Viagem De Attenborough
11:30 Portugueses pelo Mundo - Comunidades T10 - Ep. 9
11:59 Jornal da Tarde
13:15 Santoinho - 50 Anos
16:15 Futebol Fem: Sporting x Benfica - Taça De Portugal TRANSMISSÃO EM DIRETO O
Sporting defronta o Benfica num jogo a contar para a segunda-mão da meia-final da Taça de Portugal feminina.
18:15 Entre O Mar E A Terra - Ep. 3
Os rios e as barragens voltaram a trazer-nos peixes que descem e sobem o curso das águas para encontrar um habitat. Onde fomos encontrar um arquivo extraordinário de maçãs e macieiras e arquivistas apaixonados.
18:59 Telejornal
20:15 The Voice Kids T5 - Ep. 2
23:00 The Voice Kids - As Equipas - Ep. 1

RTP2

11:25 Luke, O Viajante No Tempo - Ep. 11
11:35 Luke, O Viajante No Tempo - Ep. 12
11:50 Mini Ninjas T1 - Ep. 41
12:00 Mini Ninjas T1 - Ep. 42
12:15 As Regras Da Flora T5 - Ep. 2
12:25 As Regras Da Flora T5 - Ep. 3
12:35 Leo Da Vinci - Ep. 42
12:50 Leo Da Vinci - Ep. 43
12:55 25 Curiosidades, 25 de Abril - Ep. 21
13:00 Hoodie T3 - Ep. 10
13:15 Hoodie T3 - Ep. 11
13:30 Hoodie T3 - Ep. 12
13:45 Hoodie T3 - Ep. 13
13:55 Folha de Sala
14:00 Desporto 2 - Ep. 22
16:00 Caminhos
16:30 70x7
17:00 Rios Urbanos - Ep. 6
17:35 Temos Programa T3 - Ep. 16
18:05 Receitas de Mãe - Ep. 3
18:55 ABC Direito Europa - Ep. 2
19:10 Espaços Incríveis de George Clarke T5 - Ep. 1
20:00 Folha de Sala
20:05 Atrasos de Vida T1 - Ep. 5
20:30 Jornal 2
21:00 O Desastre T1 - Ep. 1
22:00 Folha de Sala
22:05 Cristina Branco - Mãe

SIC

01:05 Levanta-te E Ri (2019) - Ep. 6
03:15 Televendas
04:30 Camilo, O Presidente T2 - Ep. 22
05:30 Uma Aventura T5 - Ep. 7
06:30 Caixa Mágica - Caminhos De Portugal T1 - Ep. 8
08:00 Casa Feliz - Especiais T5 - Ep. 16
11:00 Vida Selvagem
Hoje: 'THAILANDS WILD SIDE 2'. Câmaras ocultas espreitam os hábitos mais privados dos animais. Anos e anos de espera, de pesquisas, perseguições, milhares de horas de filmagens e captação de sons são necessários para compreender o comportamento dos animais que fazem parte do nosso planeta.
12:00 Primeiro Jornal
13:15 Fama Show T6 - Ep. 13
13:45 Domingão T5 - Ep. 15
19:00 Jornal Da Noite
20:45 Isto É Gozar Com Quem Trabalha T9 - Ep. 29
21:30 Era Uma Vez Na Quinta T1 - Ep. 14
A vida no campo é mais difícil do que parece. Uma quinta, 16 concorrentes, muitas emoções à flor da pele e apenas um sairá vencedor! Com apresentação de Andreia Rodrigues.

TVI

03:30 TV Shop
04:45 Todos Iguais
05:15 Diário Da Manhã
05:45 As Aventuras Do Gato Das Botas
06:15 Campeões E Detectives
JP e os amigos decidem formar o seu próprio clube, o Megamax Futebol Clube, contra tudo e contra todos, em especial contra a misteriosa organização BOLA-F, a "Brigada Operacional de Luta Anti-Futebol". Um dos maiores desejos do JP é descobrir quem se esconde por detrás desse nome.
07:00 Inspetor Max
09:00 Segredos Da Floresta
10:00 Missa
11:00 Vai Ou Racha
Apresentado pelo Pedro Teixeira, os concorrentes são selecionados entre os presentes na plateia. Ao jogarem, ganham a oportunidade de chegar aos melhores prémios. ?No 'Vai Ou Racha', todos os concorrentes arriscam o que têm em jogo, podendo ganhar muito ou perder tudo!
11:58 TVI Jornal
13:00 Somos Portugal
18:57 Jornal Nacional
20:30 Big Brother XI - Gala

Qualquer alteração à programação que publicamos é da responsabilidade das respectivas estações

signos

Astrólogo Luís Moniz
site: http://meiodoceu-com-sapo-pt.webnode.pt

CARNEIRO (21/03 a 20/04)
Surgem novas oportunidades no horizonte. Neste contexto, evite a estagnação e esteja disponível para entender o rumo que pretende dar à sua vida.

BALANÇA (23/09 a 23/10)
Embora seja uma pessoa empática com os seus semelhantes, cuide de si e tire tempo para finalmente avançar com a renovação da sua vida em geral.

TOURO (21/04 a 20/05)
A paciência e a coragem são fatores que lhe permitam alcançar os seus objetivos. Estão protegidos todos os tipos de relacionamentos e parcerias.

ESCORPIÃO (24/10 a 21/11)
É a ocasião certa para fazer escolhas e ações mais compatíveis com os seus sonhos e desejos mais profundos, mas tente contrariar ideias negativas.

GÉMEOS (21/05 a 20/06)
Esperam-se progressos e promoções em termos profissionais. Há a forte possibilidade de conquistar sucessos que podem trazer proveitos económicos.

SAGITÁRIO (22/11 a 20/12)
A conjuntura proporciona-lhe a energia necessária para poder transformar o sentido da sua existência. Todavia, atue sempre com muita consciência.

CARANGUEJO (21/06 a 22/07)
Este é o momento oportuno para refletir sobre a sua relação afetiva. No entanto, mantenha a clareza de pensamento de forma a tomar boas decisões.

CAPRICÓRNIO (21/12 a 19/01)
Atravessa uma fase favorável para lutar pela conquista da sua liberdade individual sem manifestar atitudes rígidas que prejudicam a sua evolução.

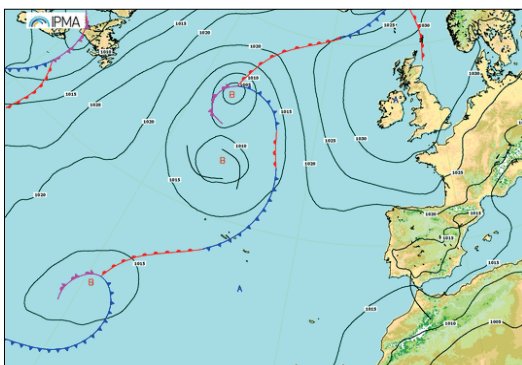
LEÃO (23/07 a 22/08)
Provavelmente sente que esta é a altura indicada para tomar iniciativas. Porém, procure defender os seus ideais sem mostrar sinais de arrogância.

AQUÁRIO (20/01 a 19/02)
Durante esta fase de em que sente uma constante insatisfação interior, transforme certos aspetos da sua vida que estão desgastados ou paralisados.

VIRGEM (23/08 a 22/09)
No trabalho, use o seu intelecto para avaliar as situações com clareza e objetividade de modo a conseguir avançar com os seus projetos laborais.

PEIXES (20/02 a 20/03)
Há um sentimento de angústia por causa de memórias do passado que lhe criam tristeza. Contudo, esta é a época certa para nutrir a sua alma vazia.

Previsão do estado do tempo nos Açores

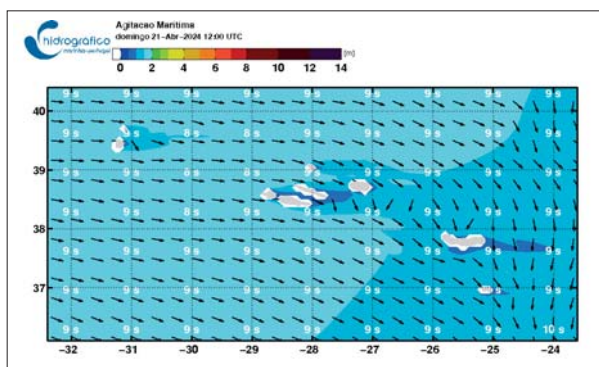
Agitacao Maritima
domingo 21-Abr-2024 12:00 UTC

Informação do Instituto Português do Mar e da Atmosfera

Frente fria · Frente quente · Frente Oclusa · Frente Estacionária · A Centro de Alta Pressão · B Centro de Baixa Pressão

GRUPO OCIDENTAL
Períodos de céu muito nublado com boas abertas.
Vento oeste bonançoso a moderado (10/30 km/h), rodando para noroeste à noite.

ESTADO DO MAR
Mar de pequena vaga.
Ondas sudoeste de 2 metros, passando a noroeste.
Temperatura da água do mar: 16ºC

GRUPO CENTRAL
Céu muito nublado, com boas abertas a partir da manhã.
Períodos de chuva na madrugada.
Vento sudoeste bonançoso (10/20 km/h), rodando para norte e tornando-se fraco (05/10 km/h).

ESTADO DO MAR
Mar de pequena vaga, tornando-se encrespado.
Ondas oeste de 1 a 2 metros.
Temperatura da água do mar: 16ºC

GRUPO ORIENTAL
Períodos de céu muito nublado com boas abertas.
Aguaceiros fracos e pouco frequentes.
Vento sudoeste fraco a bonançoso (05/20 km/h).

ESTADO DO MAR
Mar encrespado a de pequena vaga.
Ondas do quadrante norte de 1 a 2 metros, passando a oeste.
Temperatura da água do mar: 17ºC

ESTATUTO EDITORIAL

1 - O Correio dos Açores define-se como um órgão de comunicação social de grande informação regional.

2- O Correio dos Açores orienta-se por critérios de rigor e criatividade editorial, sem qualquer dependência de ordem ideológica, política e económica.

3- O Correio dos Açores afirma-se ainda como um porta-voz dos princípios e valores defendidos e aceites pelos Açoreanos na defesa da sua Autonomia e no integral respeito pelos princípios consagrados na Constituição da República.

4 - O Correio dos Açores procurará veicular temas sociais, políticos e culturais diversificados, correspondendo às motivações e interesses de um público plural, debatendo ideias suscetíveis de promoverem o enriquecimento da opinião pública, sempre norteados pelos valores éticos e cívicos.

5 - O Correio dos Açores compromete-se a assegurar o respeito pelos princípios deontológicos e pela ética profissional dos jornalistas, assim como a boa-fé dos seus leitores.

FARMÁCIAS

Ponta Delgada – Farmácia Popular
Rua Machado dos Santos 34
Telefone: 296 205 530

Ribeira Grande - Farmácia Ribeirinha
Rua Direita 1ª Parte, Nº1
Telefone: 296 479 202

HOSPITAIS

Ponta Delgada - 296 203 000
Nordeste - 296 488 318 - 296 488 319
Vila Franca - 296 539 420
Ribeira Grande - 296 470 500
Povoação - 296 585 197 - 296 585 155

POLÍCIA

Ponta Delgada - 296 282 022, 296 205 500 e 296 629 630
Trânsito - 296 284 327
Ribeira Grande 296 472 120, 296 473 410
Lagoa - 296 960 410
Vila Franca - 296 539 312
Furnas - 296 549 040, 296 540 042
Povoação - 296 550 000, 296 550 001, 296 550 005 e 296 550 006
Nordeste - 296 488 115, 296 480 110, 296 480 112 e 296 480 118
Maia - 296 442 444, 296 442 996
Rabo de Peixe - 296 491 163, 296492033
Capelas - 296 298 742, 296 989 433
Santa Maria - 296 820 110, 296 820 111, 296 820 112 e 296 820 110

GNR

Largo Dr. Manuel Carreiro, 9504-514 Ponta Delgada
Tel: Fixo: 296 306 580 / Fax: 296 306 598
Email: ct.acr@gnr.pt

POLÍCIA MUNICIPAL

Rua Manuel da Ponte, n.º 34
9500 – 085 Ponta Delgada
Tel. 296 304403/91 7570841
Fax: 296 304401
E-Mail: policiamunicipal@mpdelgada.pt

BOMBEIROS

Ponta Delgada - Urgência 296 301 301
Normal 296 301 313
Ginetes - 296950950
Nordeste - 296488111
Vila Franca - 296539900
Ribeira Grande: 296 472318, 296 470100
Lomba da Maia - 296446017, 296446175
Povoação - 296 550050, 296 550052
Centro de Enfermagem Bombeiros de Ponta Delgada
Todos os dias das 17h00 – 20h00
Incluindo Sábados, Domingos e Feriados

MARINHA

Centro de Coordenação de Busca e Salvamento Marítimo (MRCC Delgada)
Tel. 296 281 777
Polícia Marítima de Ponta Delgada (PM Delgada)
Tel. 296 205 246

PORTO DE ABRIGO

Estação Costeira Porto de Abrigo
Tel. 296 718 086

GABINETE DE APOIO À VÍTIMA

296 285 399 (número regional)
707 20 00 77 (número único)
apav.pontadelgada@apav.pt
2.ª a 6.ª das 9:30 às 12:00 e das 13:00 às 17:30

MUSEUS

Ponta Delgada
Museu Carlos Machado
Inverno (de 1 de Outubro a 31 de Março)
Terça a Domingo, das 9h30 às 17h00
Verão (de 1 de Abril a 30 de Setembro)
Terça a Domingo, das 10h00 às 17h30
Museu Hebraico Sahar Hassamaim de Ponta Delgada - Portas do Céu (Sinagoga)
Segunda a Sexta, das 13h00 às 16h30
Museu Militar dos Açores
De 2ª a 6ª feira das 10h00 às 18h00
Sábado e Domingo das 10h00 às 13h30 e das 14h00 às 18h00
Encerrado aos feriados

Ribeira Grande
Museu Municipal
Museu "Casa do Arcano"
Museu da Emigração Açoriana
Museu Vivo do Franciscanismo
Casa Lena Gal
Aberto de 2ª a 6ª - 09h00/17h00

Museu Municipal do Nordeste
Aberto de 2.ª a 6.ª das 09h00 às 12h00 e das 13h00 às 16h00

Povoação
Museu do Trigo
De Segunda a Sexta das 09h00 às 17h00
Sábados, Domingos e Feriados das 11h00 às 16h00

SERVIÇOS CULTURAIS

Ponta Delgada
Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada
Horário de inverno (Outubro a Junho)
De 2.ª a 6.ª das 9h00 às 19h00
Sábado das 14h00 às 19h00
Horário de Verão (Julho a Setembro)
De 2.ª a 6.ª das 9h00 às 17h00
Sábado encerrado
Biblioteca Municipal Ernesto do Canto
Rua Ernesto do Canto s/n 9500-313
Tel: 296 286 879; Fax: 296 281 139
Email: biblioteca@mpdelgada.pt
Horário: 2ª a 6ª feira das 10h00 às 18h00
Horário de verão (durante as férias escolares): 2ª a 6ª feira das 8h30 às 16h30

Ribeira Grande
Arquivo Municipal; Biblioteca Municipal
De 2ª a 6ª feira das 9h00 às 17h00

Povoação
Biblioteca:
De Segunda a Sexta das 09h00 às 17h00

Ribeira Grande
Centro Comunitário e de Juventude de Rabo de Peixe
Teatro Ribeiragrandense
Horário da 2ª a 6ª das 9h00 às 17h00

MISSAS

Semana - 08.00 – *Santuário Senhor Santo Cristo dos Milagres;* **09.00** - *Santuário Senhor Santo Cristo dos Milagres, à Sexta-feira);* **12.30** – *Igreja Paroquial da Matriz (São Sebastião);* **18.00** – *Igreja Imaculado Coração de Maria e Igreja Paroquial de São José;* **19.00** – *Igreja Paroquial de São Pedro, Igreja de Nossa Senhora de Fátima, (de terça-feira à sexta feira) e Igreja Paroquial de Santa Clara* ***(de Quarta-feira à sexta feira); (Terça-feira e Quinta-feira às 19 horas),*** *Igreja de Nossa Senhora da Oliveira - Fajã de Cima*

Sábado - 08.00 – *Santuário Senhor Santo Cristo dos Milagres;* **12.30** - *Igreja Paroquial da Matriz (São Sebastião);* **16.00** – *Igreja Nª Sra. Das Mercês;* **16,30** - *Nossa Sra. de Fátima;* **17.00** – *Clínica do Bom Jesus (Suspensa);* **17.30** – *Igreja Imaculado Coração Maria (S. Pedro);* **18.00** – *Igreja Paroquial de S. JOSÉ e Igreja Paroquial de Santa Clara;* **19.00** - *Igreja Paroquial de São Pedro, Igreja Nossa Senhora Fátima e Igreja de Nossa Senhora da Oliveira - Fajã de Cima*

Domingo - 08.00 – *Santuário Senhor Santo Cristo dos Milagres;* **09.30** – *Clínica Do Bom Jesus (Suspensa);* **10.00** – *Igreja Matriz e Igreja Imaculado Coração de Maria (S. Pedro) e Igreja Paroquial Santa Clara;* **10.30** – *Casa de Saúde Nª Sra. Conceição e Hospital Divino Espírito Santo (Suspensa);* **11.00** – *Igreja Paroquial São Pedro e Igreja Paroquial de São José;* **11.30** - *Igreja de Nossa Senhora da Oliveira - Fajã de Cima;* **12.00** – *Igreja Matriz, Santuário Santo Cristo e Igreja Nossa Senhora Fátima;* **12.15** – *Ermida de São Gonçalo (São Pedro)*;* **17.00** – *Igreja Paroquial da Matriz (São Sebastião);* **18.00** – *Igreja Paroquial São José **;* **19.00** – *Igreja Paroquial São Pedro*

** Não há no mês de Agosto*

*** Nos meses de Julho e Agosto não haverá Eucaristia Dominical às 18h00, na Igreja de São José. Esta será retomada no 1º Domingo do mês de Setembro.*

MOVIMENTO AÉREO

Azores Airlines
Chegada a Ponta Delgada de:
Funchal: --
Lisboa: 07:30, 11:15, 15:35, 19:20
Porto: 23:25
Toronto: 06:50
Boston: 06:15

Partida de Ponta Delgada para:
Funchal: --
Lisboa: 08:35, 12:05, 13:40, 20:15
Porto: 08:30
Toronto: 16:50
Boston: 17:55

Air Açores
Chegada a Ponta Delgada de:
Flores: 10:25, 16:25
Corvo: --
Horta: 10:55, 18:30
Pico: 10:40
São Jorge: --
Santa Maria: 07:55, 19:25
Terceira: 14:05, 14:50, 18:30

Partida de Ponta Delgada para:
Flores: 07:00, 11:15
Corvo: --
Horta: 08:40, 12:00
Pico: 08:25
São Jorge: --
Santa Maria: 06:30, 18:00
Terceira: 07:55, 08:20, 14:35, 20:05

TAP
Chegada a Ponta Delgada de:
Lisboa: 08:50, 18:30, 23:45

Partida de Ponta Delgada para:
Lisboa: 06:40, 09:40, 19:25

MOVIMENTO MARÍTIMO

NAVIOS DA TRANSINSULAR

MONTE BRASIL – Em viagem para Praia da Vitória chegando amanhã
ILHA DA MADEIRA – No Caniçal largando amanhã para Lisboa
PONTA DO SOL – Em viagem para Leixões
S. JORGE – Nas Velas
MARGARETHE – Nas Flores

INSULAR - Em viagem para Ponta Delgada
LAURA S - Em Lisboa largando para Caniçal

NAVIOS DA MUTUALISTA AÇOREANA

CORVO – Em viagem de Lisboa para Ponta Delgada
FURNAS – Em Ponta Delgada, largando para Lisboa

Transporte Marítimo Parece Machado, Lda

BAÍA DOS ANJOS: Sem informação

EFEMÉRIDES

2012 - Morre António Lopes dos Santos, um dos fundadores do Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica, aos 75 anos.

2013 - Carlos Silva é eleito secretário-geral da UGT.

2014 - Morre, aos 84 anos, Win Tin, figura proeminente da luta pela democracia da Birmânia.

- Morre Carlos Calvet, artista plástico. Tinha 86 anos.

2015 - O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados confirma que 800 imigrantes morreram no naufrágio de uma traineira, ocorrido dois dias antes, no mar Mediterrâneo, depois de falar com os sobreviventes do desastre.

- O antigo presidente islamita egípcio Mohamed Morsi, destituído pelo exército em 2013, é condenado, no Cairo, a 20 anos de prisão por estar implicado na detenção e tortura de manifestantes durante o mandato.

2016 - O Conselho de Ministros aprova os programas Nacionais de Estabilidade e de Reformas.

- Morre Qi Benyu, académico e político, um dos principais propagandistas do Partido Comunista da China durante a Revolução Cultural (1966-1976). Tinha 85 anos.

2017 - Morre, aos 54 anos, em Santa Fé, Novo México, Kris Jepson, cantora lírica norte-americana que protagonizou "Doctor Atomic", de John Adams, e "Dead Man Walking", de Jake Heggie.

Este é o centésimo décimo primeiro dia do ano. Faltam 254 dias para o termo de 2024.

Pensamento do dia: *"A história da humanidade está a tornar-se, cada vez mais, numa corrida entre a aquisição de conhecimentos e a catástrofe". HG Wells (1866-1946), escritor e historiador britânico.*

CINEMA

CINEPLACE PARQUE ATLÂNTICO

O Panda do Kong Fu 4
Seg. a Qua.: 15:00 / 17:00

Caça-Fantasmas: O Império do Gelo
Seg a Qua.: 19:10 / 21:50

Duna: Parte Dois - 2D
Seg. a Qua.: 21:40

Uma Vida Singular
Seg. a Qua.: 14:50

Centro Municipal de Cultura de Ponta Delgada

Horário das Exposições

2.ª feira a 6.ª feira: das 9h00 às 17h00

Sábados: das 14h00 às 17h00

TABELA DAS MARÉS

0:56 - Preia-mar
7:02 - Baixa-mar
13:15 - Preia-mar
19:11 - Baixa-mar

TEATRO MICAELENSE

EU DANÇO, E TU?
26 DE ABRIL - 21H30

COLISEU MICAELENSE

KATIA GUERREIRO
27 DE ABRIL - 20H30

TÁXIS

NOVA CENTRAL DE TÁXIS

296 38 2000
96 29 59 255
91 82 52 777

PRAÇA DE TÁXIS

296 20 50 50

TRANSFERES

919 501 266

JOGOS SANTA CASA

Euromilhões
Próximo Sorteio Terça-Feira
€ 133.000.000
Último Sorteio 19/04/2024
10 20 40 44 46 + 1 3

Milhão
Próximo Sorteio Sexta-Feira
€ 1.000.000
Último Sorteio 19/04/2024
Wvg 14238

Totoloto
Próximo Sorteio Sábado
€ 10.500.000
Último Sorteio 17/04/2024
16 24 28 31 33 + 1

Lotaria clássica
Próxima Extração 22/04/2024
€ 600.000
Última Extração 15/04/2024
1º PRÉMIO 26573

Lotaria popular
Próxima Extracção 25/04/2024
€ 75.000
Última Extracção 18/04/2024
1º PRÉMIO 74608

Totobola
Próximo Concurso Domingo
€ 115.000
Último Concurso 14/04/2024
1XX 2XX 1XX 2XX2 2

Propriedade Gráfica Açoreana, Lda.
Contribuinte 512005915
Número de registo 100916
Conselho de Gerência - Américo Natalino Pereira Viveiros; Paulo Hugo Falcão Pereira de Viveiros; Dinis Ponte
Capital Social 473.669,97 Euros
Sócios com mais de 5% do Capital da Empresa Américo Natalino Pereira Viveiros; Octaviano Geraldo Cabral Mota; Paulo Hugo Falcão Pereira de Viveiros

Director: Américo Natalino Viveiros - **Director-adjunto:** Santos Narciso - **Sub-director:** João Paz- **Chefe de Redacção:** Nélia Câmara - **Redacção:** Marco Sousa; Carlota Pimentel - **Correio Económico: Coordenador** - Óscar Rocha; **Colaboradores:** António Pedro Costa - **Fotografia:** Pedro Monteiro - **Revisão:** Rui Leite Melo - **Paginação, Composição e Montagem:** João Sousa (Coordenação); Luís Craveiro; **Marketing e Publicidade:** Madalena Oliveirinha: **Colaboradores residentes:** João Bosco Mota Amaral; Vasco Garcia; João Carlos Abreu; António Pedro Costa; Álvaro Dâmaso; Gualter Furtado; Carlos Rezendes Cabral; Eduardo de Medeiros; Pedro Paulo Carvalho da Silva; João Carlos Tavares; Carlos A.C. César; Teófilo Braga; Fernando Marta, Sónia Nicolau; Alberto Ponte; Arnaldo Ourique; José Manuel Monteiro da Silva; José Maria C. S. André; Sérgio Rezendes; Khol de Carvalho; João Luís de Medeiros; António Benjamim; Luís Anselmo; Beja Santos; Mário Moura; Mário Chaves Gouveia; Maria do Carmo Martins; Áurea Sousa; Paulo Medeiros; Jerónimo Nunes; Armando Mendes; Isaura Ribeiro; Helena Melo; Osvaldo Silva; Ricardo Teixeira; José Luís Tavares; Judith Teodoro.

Tiragem: 4.000 exemplares

Sede do editor, da redacção e da impressão:
Rua Dr. João Francisco de Sousa, n.º 16
9500-187 Ponta Delgada – S. Miguel – Açores
Contactos: Redacção: 296 709 882 / 296 709 883 / jornal@correiodosacores.pt; desporto@correiodosacores.pt.
Marketing e Publicidade: 296 709 889 296 709 885 pub@correiodosacores.pt
Estatuto Editorial disponível em www.correiodosacores.pt

Governo dos Açores
Esta publicação tem o apoio do PROMEDIA III - *Programa Regional de Apoio à Comunicação Social Privada*

ÚLTIMA

Correio dos Açores

21 de Abril de 2024

Fundado em 1920

www.correiodosacores.pt

Rua Dr. João Francisco de Sousa nº 16
9500-187 Ponta Delgada - São Miguel - Açores

Missa do 30º Dia

Lourdes Maria da Costa Pimentel

A família de Lourdes Maria da Costa Pimentel comunica que hoje, Domingo, dia 21 de Abril, será celebrada pelas 12 horas, na Igreja Matriz de Ponta Delgada, a Missa assinalando o 30º dia do falecimento de Lourdes Maria da Costa Pimentel.

O viúvo Jeremias Pimentel em seu nome pessoal, e em nome das suas filhas, genros, netos e demais família, desde já agradece a todos quantos puderem e se dignarem participar nesta Celebração Eucarística. Bem hajam pela presença.

Apontamento Dominical

O enquadramento («framing»)

Os jornalistas distinguem entre a notícia e o seu enquadramento, em inglês «framing». A descrição factual é a notícia; o enquadramento são as conotações, mais ou menos implícitas, que a acompanham.

Pode surpreender-nos, mas, com frequência, o enquadramento tem maior peso na comunicação moderna. Alguns meios são mesmo especialistas na operação de enquadrar a informação de acordo com aquilo que, a seu ver, convém que o público pense.

Por exemplo, sai um livro que mostra a gravidade da iniciação sexual das crianças, mas o jornal quer que os leitores a aceitem. A notícia pode ser dada assim:

«Fulano, conotado com movimentos de extrema direita, escreveu um livro a condenar intransigentemente o prazer das crianças. Em declarações a este jornal, Sicrano, investigador da matéria, comenta que não podemos rejeitar algo apenas por ser diferente do tempo dos nossos avós. E Beltrano, académico prestigiado, cita a experiência positiva dos países mais desenvolvidos que aceitaram esta prática».

Não se pode dizer que a notícia contenha falsidades. Efectivamente, saiu um livro e há pessoas que discordam dele. A questão é que muitos leitores não registam a informação nestes termos banais. Dois indivíduos criticarem uma ideia é trivial, o importante é a mensagem transmitida pelo enquadramento. O enquadramento apresenta-nos um autor intransigente e isolado contra personalidades muito esclarecidas. Cola uma etiqueta negativa ao autor e classifica os opositores como investigadores e académicos. Parece que destaca o livro, mas não se refere nenhum dos seus argumentos. Inclusivamente, fica no ar a ideia de que pretende fazer-nos regredir ao tempo dos nossos avós e dá como certo que houve «experiências positivas», que ocorreram em «países desenvolvidos». Ou melhor, não afirma essa falsidade, invoca a autoridade de um «académico prestigiado».

A informação nacional e internacional está cheia de enquadramentos carregados de mensagens disfarçadas.

A classificação das pessoas, positiva ou negativa, é um instrumento muito usado nestas manipulações. O vândalo que estraga o altar papal nas JMJ é um artista. Os que defendem a família são extremistas retrógrados. A chusma que assalta um museu ou agride as pessoas é um colectivo de activistas. Os que ajudam homossexuais a ultrapassar a sua situação cometem crimes de ódio, são fascistas homofóbicos.

A reconstrução dos substantivos é outra técnica frequente. Em vez de aborto, fala-se de interromper voluntariamente a gravidez. Em vez de infidelidade aos compromissos assumidos, fala-se de recomeçar a vida. Em vez de matar, respeita-se a eutanásia. Tornar as palavras maleáveis expressa a desistência de buscar a verdade, à maneira do «pensiero debole», de Gianni Vattimo e Pier Aldo Rovatti, inconsistente e precário.

Uma das campanhas mais massivas de reconstrução vocabular é a ideologia do género. Criou um autêntico dicionário! Com dezenas de palavras adaptadas ou novas, como aquela que é recordista do número de letras na generalidade das línguas. É um construção de tal forma impronunciável que só se costuma dizer abreviadamente: LGBTQ+. O alvo directo da ideologia do género é a família, porque, na perspectiva do egoísmo exacerbado, os vínculos familiares de amor são como grelhas de prisão. Os pais ficam presos aos filhos durante anos, o marido e a mulher dependem um do outro para a geração dos filhos. Portanto, libertar-se exige afastar o sexo de qualquer responsabilidade familiar e limitá-lo a prazer egoísta. Não se trata de promover a dignidade de alguém, nem do homem nem da mulher, apenas se quer inventar indivíduos novos, sem família.

Este movimento tem êxito no reino das palavras flexíveis, mas o seu futuro é contradizer-se sucessivamente, porque o egoísmo é algo tão corrosivo que dissolve o próprio exercício da liberdade. Só admite caprichos instantâneos, opõe-se a decisões livres destinadas a permanecer para além do instante presente.

Como Bento XVI disse, no seu último discurso: «Para a filosofia do género, ser homem ou mulher converte-se numa decisão individual. (…) Na luta pela família está em jogo o próprio homem. E fica claro que onde se nega Deus, também se dissolve a dignidade do homem. Quem defende Deus, defende o homem».

O Papa Francisco tem insistido cada vez mais frequentemente que «hoje, o perigo mais grave é a ideologia do género, que anula as diferenças e faz com que tudo fique igual; apagar a diferença é apagar a humanidade».

José Maria C.S. André